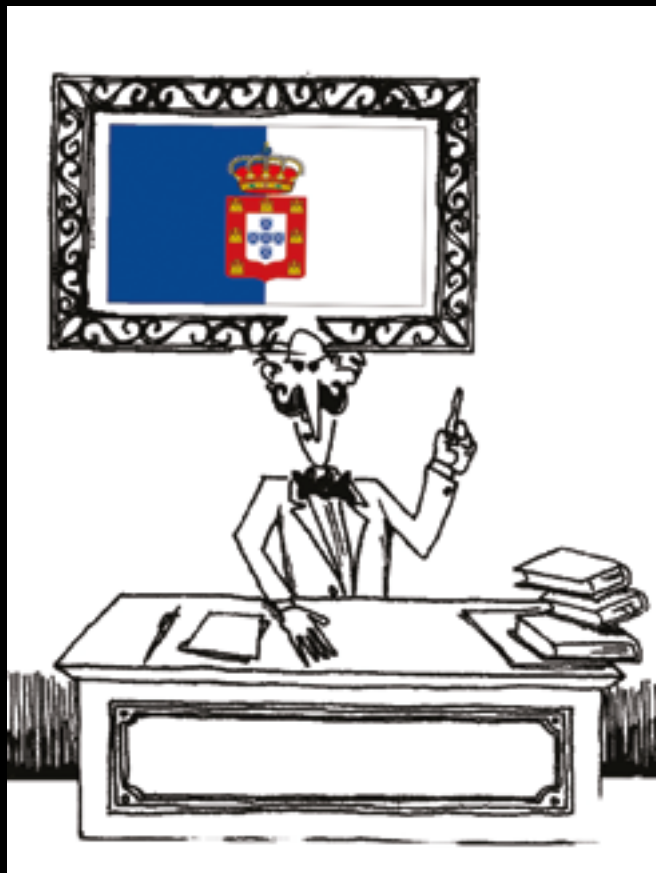


Revista de

# FERREIRA

INFOMAIL



## A PRIMEIRA REPÚBLICA EM FERREIRA

Luís Pita Ameixa, Deputado na Assembleia da República, conta como se viveu a Implantação da República no concelho.

### IMAGENS D'ONTEM

Alguns dos tesouros fotográficos guardados no Arquivo Municipal.

### DO ALENTEJO PARA A BURAKA (SOM SISTEMA)

Blaya (Karla Rodrigues) é bailarina e vocalista de banda mundialmente conhecida.

### NAS COSTAS DO MONSTRO

A Revista de Ferreira passou uma noite ao lado dos 'homens do lixo'.





## FICHA TÉCNICA

### Director

Aníbal Reis Costa,  
Presidente da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo

### Revisão e Coordenação

Marco Maurício

### Repórteres e outros colaboradores

Marco Maurício, Carlos Jordão, Manuela Pina, Maria João Quarenta, Luís Pita Almeida, Maria João Pina, Václav Bento, Augusto Caetano e Bruno Paixão

### Propriedade

Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo

### Design

Projecto Gráfico: Titanium Design

Parque das Nações | Edifício Mar do Oriente  
Alameda dos Oceanos | Lote 1.07 - 1P-11  
1990-203 LISBOA

T: 211 914 392/3

### Impressão

PERES-SOCTIP

Estrada Nacional nº 10, Km 106,3, Porto Alto  
2135-114 Sémora Correia

T: 263 00 99 00

### Redacção, Administração e Sede da Revista de Ferreira

Prça Comendador Infante Passanha, 3-5  
7900 Ferreira do Alentejo  
T: 264 738 700

revistadeferreira@gmail.com  
www.cm-ferreira-alentejo.pt  
facebook: RFerreira Alentejo

ISSN 1647-6670

## ÍNDICE



DO ALENTEJO PARA A BURAKA (SOM SISTEMA)



VIDA A MEIA SOLA



NAS COSTAS DO MONSTRO



O 'TIC TIC' DE CHICO 'ENGUIÇO'



A PRIMEIRA REPÚBLICA EM FERREIRA



VALE DA ROSA É REFERÊNCIA MUNDIAL



EXERCÍCIO PARA IDOSOS



CHAMEM O MESTRE, E 'BORA BALHAR'



LUCIDEZ GRISALVA



FERREIRENSE 'BATE O PÉ' NA LUZ



'JET 7' ADORA ARTESANATO FERREIRENSE



MELHOR CRIADOR NACIONAL EM FERREIRA



ESPÍRITO INDOMÁVEL



IMAGENS D'ONTEM



# “VIVA A RÉ!”

texto\_ Aníbal Reis Costa, Presidente da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo



► No fervor do republicanismo, a expressão “Viva a Ré!” soava na voz do povo como grito de revolta disfarçado, numa altura em que o incentivo à República era considerado uma ousadia sujeita a represálias.

**A** Comemoração do Centenário da República no nosso Concelho é o grande tema deste número dois da **Revista de Ferreira**.

Depois de quase 800 anos de Monarquia, no dia 5 de outubro de 1910, o Diretório do Partido Republicano Português proclama, na varanda da Câmara Municipal de Lisboa, a implantação do regime Republicano em Portugal. Ideias como: **a eleição de chefe de Estado pelos cidadãos; a procura do interesse geral, da “coisa pública” (res publica do latim) sobrepondo-se ao da particular, do grupo, da facção; a introdução de medidas progressistas (possibilidade de divórcio, apoio a mães solteiras e crianças abandonadas, e proteção de trabalho para mulheres e menores) o direito à greve e à constituição de partidos políticos; a proibição de censura; a entrada em funcionamento do sistema eleitoral de voto secreto, direto e universal (com uma lei eleitoral um tanto ambígua, já que não especifica o sexo dos agora “cidadãos” e não súbditos do Rei), a separação do Estado da Igreja (marcado por uma forte política anticlerical), a educação gratuita e laica dos sete aos dez anos; a instauração de um regime Democrático Parlamentar; enfim, a mudança dos símbolos para dar a ideia de uma nova Nação comprometida com os cidadãos: Portugal deixa de ser reino, muda a bandeira, a moeda e os nomes de ruas e praças (como acontece na maioria das revoluções...) muda, enfim, a vida dos portugueses.**

A subjugação do país aos interesses coloniais britânicos, os gastos exorbitantes da família real (quando o país morria de fome!) o poder da Igreja (associado ao regime “natural” monárquico) a instabilidade política e social, o sistema de alternância de dois partidos no poder (os progressistas e os regeneradores), a ditadura de João Franco (e o conseqüente regicídio de D. Carlos) a aparente incapacidade de acompanhar a evolução dos tempos e se adaptar à modernidade — tudo contribuiu para um inexorável processo de erosão da Monarquia portuguesa. Por contraponto, a República apresentava-se como a única capaz de devolver ao país o prestígio perdido e colocar Portugal na senda do progresso. Como também é do conhecimento geral, a República não chegou ao mesmo tempo a todo o território nacional. Um país atrasado, com vias de comunicação miseráveis, profundamente analfabeto que viu na República uma forma (a única?!) de melhorar a sua condição de vida aderiu de forma massiva (com especial incidência no Centro e Sul do território Continental).

Antes da Implantação da República em Portugal, em Ferreira do Alentejo, já em 1907, com a existência de um Centro Republicano, e o agravamento das condições de vida sob o regime Monárquico, faziam supor uma adesão generalizada ao regime Republicano.

A falta de “sentido de Estado” dos governantes da Primeira República, a progressiva instabilidade e degradação da suas instituições, a participação desastrosa na Primeira Guerra Mundial, a ditadura de Sidónio Pais, o agravamento da crise financeira, entre outras causas, possibilitaram o caminho inevitável para uma Ditadura que se iniciou a 28 de maio de 1926 e que só terminaria a 25 de abril de 1974.

A nossa homenagem à República, não se dissocia da outra tão merecida às pessoas e atividades do nosso Concelho que apresentamos aqui nesta edição.

A **Revista de Ferreira** apresenta-se com características únicas, enquanto publicação municipal, de qualidade e diversidade de conteúdos, aliados a uma exigência gráfica que procurará sempre ser diferenciadora e motivo de orgulho de todos nós. Com o primeiro objetivo de seguir o lema da **MARCA FERREIRA – Defender o Que É Nosso** – procuramos a valorização de muitos aspetos passados, presentes e futuros das pessoas e instituições do nosso Concelho.

Porque sentimos orgulho em ser do nosso Concelho e queremos que todos o sintam também!

O Presidente da Câmara Municipal,

Ferreira do Alentejo, outubro de 2010

Este texto foi escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

# DO ALENTEJO PARA A BURAKA (SOM SISTEMA)

texto\_ Marco Maurício fotos\_ Bruno Paixão e D. R.

BLAYA (KARLA RODRIGUES), FERREIRENSE, É BAILARINA E VOCALISTA DE BANDA MUNDIALMENTE CONHECIDA.

**A**s ideias pré-fabricadas sobre a energia dos alentejanos acabam aqui! Hoje, a samarra é outra, e quem ainda imagina a gente desta região ao estilo das típicas anedotas, ficará chocado ao saber que uma das vocalistas e bailarinas mais explosivas de Portugal cresceu numa vila do interior. Exactamente, a conhecida Blaya (Karla Rodrigues), dos Buraka Som Sistema – banda que arrasta milhares de fãs em todo o mundo – é ferreirense.

Nasceu no Brasil, mas veio para o País ainda bebé. Irrequieta, imprevisível e original foram as batidas em que a sua vida ganhou ritmo, desde cedo. Lançou-se na dança nos tempos de liceu, através do Desporto Escolar e, sem volta a dar, seguiu para formações nessa área, em Lisboa. **“Passou a ser a minha vida, eu queria dançar a toda a hora”**, explica.

Entre cursos e convenções de hip hop, a luz inexplicável de quem se faz arte em movimento rapidamente chamou a atenção de importantes empresários do meio. **“Fui convidada para dançar na tour coca-cola zero, e foi aí que mudei de casa para a capital”**, acrescenta.

Em pouco tempo, já dançava no grupo Rhythmos Urbanos, e tornava-se bailarina do artista TT, participando no primeiro vídeo clip do cantor. Estes projectos antecederiam um dos passos que Blaya considera como um dos mais especiais e importantes na sua carreira. **“Fiz parte do elenco da peça ‘High**

Em palco, Blaya contagia a multidão com a sua energia.



**“Trabalhei muito para chegar onde cheguei, e estou feliz pelo que alcancei. Mas é claro que nunca esqueço as pessoas com quem cresci, a minha terra.”**

Blaya,  
bailarina e vocalista dos Buraka Som Sistema

**School Musical’**, baseado no homónimo da Disney. Foi uma experiência única, onde conheci coreógrafos muito importantes, e abri algumas portas decisivas”, afirma.

Daqui até aos Buraka Som Sistema foi um saltinho. Num casting, Blaya foi escolhida sem hesitações da banda. Facto que obriga a um orgulhoso parêntese, pois, falar de Buraka Som Sistema é falar da banda que sacudiu os moldes dos habituais frique frique’s, e reinventou o kuduro em tons de electrónica. Mais, perceba-se que este é um dos colectivos portugueses com mais sucesso e projecção a nível mundial. Só em Espanha, o single ‘Wegue Wegue’ esteve em 1.º lugar no Top Nacional, à frente de artistas como Alicia Keys, Alessandro Sanz e Black Eyed Peas.

**“Só havia um problema, eu não sabia dançar kuduro, e tive de aprender”**, confessa a bailarina. Sem medo, Santa Maria da Feira seria, então, a cidade onde, pela primeira vez, Blaya se mostraria ao mundo como bailarina do grupo de Lil’ John, Conductor, Riot e Kalaf. Em palco, não houve dúvidas. Blaya salpicava traços de uma personalidade em chamas. A multidão sem rosto, como uma onda descontrolada de gente, gritava o seu nome a cada passo, a cada desenho que o seu corpo rasgava no ar. **“Nos Buraka, encontrei ritmos muito ‘calientes’ e contagiantes, tal como eu”**, diz, em tom de brincadeira atrevida. **“Ao som da nossa música, as**



▲ Para além de actuar com os Buraka Som Sistema, Blaya dá aulas de dança.

**personas deixam sair o animal presonelas, e exprimem-se numa loucura suada, durante horas”**, acrescenta.

Mas os planos para Blaya seriam depressa alargados. Lado a lado com a dança, a artista sempre manteve uma enorme ligação ao rap, às rimas que, no improviso ou não, sempre enquadraram o seu caminho. **“No primeiro ano, só dançava. No segundo, já cantava uma música. E agora, canto mais do que danço”**, esclarece. Entretanto, começam também

a surgir já as primeiras músicas originais de Blaya, bem como projectos em colaboração com outros artistas. Ora, procurem no Youtube, por exemplo. No currículo, ficam actuações em países tão distintos como Estados Unidos da América, Japão, Rússia ou México. **“Trabalhei muito para chegar onde cheguei, e estou feliz pelo que alcancei. Mas é claro que nunca esqueço as pessoas com quem cresci, a minha terra”**, conclui. ■



# «CHAMEM O MESTRE, E 'BORA BALHAR'»

texto e fotos\_ Marco Maurício

POETA POPULAR FOI UM DOS PRIMEIROS 'TOCADORES' EM FESTAS E BAILES DE FIGUEIRA DOS CAVALEIROS.

**"A**ntigamente, viam-se moços novos a cantar pelas ruas, a fazer versos para as namoradas. Hoje, ninguém quer saber de música ou poesia, mas, se formos a um café, está tudo bruto por causa duma bola". O lamento é de Manuel Mestre, 78 anos, poeta popular e um dos primeiros 'tocadores' em bailes e festas de Figueira dos Cavaleiros.

Em tempos difíceis, onde a miséria se multiplicava em sinónimos amargos, de fome e sofrimento, Manuel Mestre recusou a tristeza através da música, quando, aos 8 anos, descobriu uma velha harmónica do seu pai. Um instrumento pequeno, "com apenas duas covas", que ainda assim não impediu as primeiras 'gaitadas' ao improviso. À procura da afinação, "sempre que conhecia 'tocadores' de fora, tomava atenção às músicas e, quando eles abalavam, tentava ir buscar essas melodias, 'de ouvido'", recorda.

Aos 14 anos, já sabia as notas de cor, no tom livre da alma. As letras, chegavam em cada momento que lhe provocasse o coração. Em pouco tempo, o jovem tocador já conquistava a aldeia com a sua arte despida. Depois, em qualquer travessa, entre um copinho de vinho e um 'taçalho' de pão com queijo, saltavam também versos, como legendas quentes do que via. "Não era preciso acontecer algo de especial, tudo me inspirava a fazer uma quadra", explica. De humildes petiscos a grandes casamentos, entre a rapaziada nova ou os mais antigos, qualquer festa começava com a mesma frase de ordem: «Vão chamar o Mestre, e 'bora balhar'». Ali, segurando a velha harmónica como quem segura a vida em acordes, actuava sempre de graça. "Andava com os bolsos vazios, mas gostava daquele barulho, e sentia que as pessoas ficavam felizes com a minha música", diz.

Passadas décadas, o artista afirma ter chegado a tocar em várias localidades e montes por este concelho a fora. "Cantar e dançar aproximava as pessoas. Não havia mais nada, e toda a gente queria conviver nas festas", conta.



*"Não era preciso acontecer algo de especial, tudo me inspirava a fazer uma quadra."*

Manuel Mestre,  
poeta popular

▼ Aos 8 anos, Manuel Mestre descobriu a sua paixão numa velha harmónica do seu pai.

Ao folhear a memória, o tocador deixa sair um sorriso, quando fala das vantagens de tocar e saber meia dúzia de frases bonitas. "Eu era comprometido, mas isto com as moças era um engodo desgraçado", afirma. Numa marilice entre dentes, Mestre revive situações que deixam muita saudade. "Ainda tive de inventar três ou quatro versos para desenrascar uns amigos, que queriam escrever cartas às namoradas e não sabiam como", confessa, baixinho. Isto porque, "no passado, ter arte era motivo de valor. As pessoas gostavam de escutar um bom despique, juntavam-se para ouvir histórias dos mais velhos. E agora?!", pergunta Manuel Mestre, num encolher de ombros em sinal de desalento. Num banco de rua esquecido na aldeia, onde se reúne todas as tardes com os seus companheiros, o silêncio e as palavras cansadas trazem a resposta: "Já pouca gente liga às lengalengas dos velhotes, pois, todos têm outros 'desportos'", acredita.

Infelizmente, a idade e o destino mudaram o mundo de Manuel Mestre, como um furacão que arrastou várias partes da sua vida no ar. E a velha harmónica... A velha harmónica foi enterrada para sempre. "Agora, é a vez de outros fazerem música, eu já não tenho nem posso ter a mesma vontade", conclui. Então, os sons só já o embalam no pensamento, que se perde na planície. E poesia voa baixinho, o suficiente apenas para sustentar no tempo os seus amigos, a família e o Alentejo. ■



# VIDA A MEIA SOLA

texto e fotos\_ Marco Maurício

FORMAS DE MADEIRA E INSTRUMENTOS JÁ ESTÃO GUARDADOS. AOS 78 ANOS, MANUEL CARIAS ENCERRA UM OFÍCIO QUE DUROU 65 – SAPATEIRO TRADICIONAL.

**“N**a nossa infância, tínhamos mesmo de trabalhar...e quantas vezes o fazíamos de estômago vazio, todo o dia... Hoje, não, a malta nova exige tudo, mesmo que os pais não possam dar”. O desabafo é de Manuel Carias que, aos 78 anos, encerra cerca de 65 anos como sapateiro tradicional, em Ferreira do Alentejo. Manuel carrega a mágoa de ser um dos últimos, de ser peça sem conserto numa vida que já não pode levar meias solas. **“Tenho de fechar isto, estou cansado e não sou eterno”**, admite.

Muitas das formas de madeiras já estão fechadas em sacos de plástico **“para vender ou oferecer a museus”**, ainda não decidiu. Há dois ou três pares de botas espalhadas pelo chão, entre o velho martelo e torquês de sempre. Com mais meia dúzia de sapatilhas fora de contexto e umas **“sandálias de plástico que não valem a cola”** decora-se a casa onde Manuel arruma ambições que andaram sempre de cordões desatados.

Aos 13 anos, saiu da escola com a honrosa quarta classe. **“Naquele tempo era muito ‘puxado’, éramos obrigados a saber muita coisa. Hoje, qualquer moço pequeno soluça na tabuada, nós não podíamos”**, realça. Escolheu ser sapateiro, e fez-se aprendiz sem soldo - **“tinha de ser, para aprender um ofício como deve ser. Até porque, na altura, ‘havia muita gente a fazer calçado neste concelho’**, revive.

**“Nós, quando éramos aprendizes, respeitávamos os mestres, queríamos aprender com os melhores, e sujeitávamo-nos às primeiras dificuldades nos empregos. Como é que um moço novo, agora, quer sair da escola, e ter logo um bom ordenado sem ter feito nada?”**

Manuel Carias,  
sapateiro tradicional

Noutro tempo, as medidas eram tiradas directamente ao pé do freguês, com uma fita especial em pano, que tinha os centímetros de um lado e a medida inglesa, em pontos, do outro. Depois, as diferentes peças do calçado eram talhadas (no início, o aprendiz limitava-se a juntar essas mesmas peças, cozendo-as com uma sevela fina). A seguir - explicando em traços simples -, juntava-se a parte da frente à de trás, e moldava-se a fazenda à forma – existiam formas para cada número de pé. Colocava-se uma palmilha em sola por baixo, e cozia-se, de novo, apanhando essa palmilha, a fazenda e a vira. Feito isto, juntava-se a resistente sola de couro, e cozia-se, de novo, à vira. Finalmente, instalavam-se os saltos, e apuravam-se pormenores com os ferros de acabamento aquecidos.

Calçado com talões, biqueiras ou gaspias, fazia-se de tudo e com diferentes fazendas. **“Fiz o meu último par de sapatos há mais de 20 anos, as máquinas das grandes lojas mataram os sapateiros como eu”**, afirma. **“Mas a qualidade de hoje também não se compara a de antigamente, os sapatos feitos à mão duravam anos. Agora, são só porcarías baratas de desgaste rápido”**, acredita Manuel Carias.

De todos os produtos, o sapateiro destaca um clássico, sempre muito procurado. **“Um bom par de botas caneliras custava 120 escudos, e agora custam ‘porradas de contos, e não valem a ponta dum corno’”**, frisa, escandalizado.

Mas, para Manuel, hoje, não são apenas os preços que estão loucos. Está tudo diferente, é uma ‘época de fivela partida’. Na memória e no seu exemplo – fotocópia de tantos trabalhadores e artesãos



▼ Aos 78 anos, Manuel Carias é um dos últimos sapateiros tradicionais de Ferreira do Alentejo.

inspirados a pão e água – questiona a capacidade de sacrifício das próximas gerações. **“Nós, quando éramos aprendizes, respeitávamos os mestres, queríamos aprender com os melhores, e sujeitávamo-nos às primeiras dificuldades nos empregos. Como é que um moço novo, agora, quer sair da escola, e ter logo um bom ordenado sem ter feito nada”**, interroga, deixando a pergunta ser engolida no silêncio retórico de quem já não quer saber a resposta. ■



# LUCIDEZ GRISALHA

texto\_Marco Maurício fotos\_Valter Bento

**TIA INÊS, A MULHER MAIS ANTIGA DE PEROGUARDA, COM 95 ANOS, ABRE O LIVRO DA MEMÓRIA E CONTA UMA DAS LENDAS MAIS ANTIGAS DA ALDEIA.**

▼ Tia Inês junta vizinhos e amigos na sua casa, que não perde uma oportunidade de a ouvir.



A luz tímida entra pela porta entreaberta, e desenha a manhã enrugada no rosto de Inês dos Reis. Não há pressas, as horas já perderam obrigações e afazeres, mas a noite é escura demais para se estar sozinha. Sentada numa cadeira de madeira, espreita a rua que é sua. Ainda é cedo, e só as preocupações levam gente ao mundo antes do sol. À medida que o cinzento no céu aquece e se faz dia, os pensamentos voltam a enlaçar saudades e sonhos. O sorriso nasce lento ao canto do lábio, sempre que aquele dia sem data assalta a memória. E foram tantos. Hoje, a felicidade reproduz-se em 2 filhos, 7 netos e 12 bisnetos. Ser a mulher mais velha de Peroguarda faz também de si a Tia de todos. São já 95 anos, inscritos numa invulgar lucidez grisalha, que junta vizinhos e amigos no seu poial todos os dias à conversa.

Aos 9 anos já trabalhava no campo. **“Era pequenina, mas ninguém me ganhava. Fazia trinta por uma linha”**, afirma, numa

gargalhada balançada. Monda ou ceifa, fosse qual fosse a tarefa, **“sempre que ia para o campo, era um despacho a levar rêgos para frente”**, recorda.

A Tia Inês lembra o namoro à porta de casa, alumiado pelo candeeiro a petróleo na entrada e pelo grito de fundo que trazia sempre o mesmo aviso – «não te ‘arrimes’ tanto a ele, chega-te mais para além». Recorda as noites mal dormidas, entre a concertina e o café de chocolateira, que desafiava a dança da Marcadinha, até nascer o dia. E agora, **“onde estão os mastros, as festas e as maratonas a descarregar lenha que terminavam em petisco e bailarico?!”**, pergunta Inês, ao vislumbrar estes tempos “destrambelhados” pelo seu pequeno postigo.

Mas, hoje, a casa está cheia. Todos querem ouvir a nova história da anciã. Aliás, hoje, está mais cheia que o habitual, uma vez que toda a aldeia segurava o coração nas mãos há já um bom par de dias. A porta de Inês estava fechada, e a po-



► Tia Inês recorda a lenda da Igreja de Peroguarda.

*“Sempre que ia para o campo, era um despacho a levar rêgos para a frente.”*

Inês dos Reis,  
95 anos

putação ficou aflita - tinha ido ver a filha a Montes Velhos. **“Como estou sempre à porta, e as pessoas gostam de passar, entrar, e conversar um bocadinho, se a porta estiver fechada, anda logo tudo em polvorosa, com medo que eu esteja para ali estendida”**, revela, com as mãos despreocupadas sobre a anca.

Numa carinhosa zaragata, Inês desarma a preocupação e o inquérito da vizinhança. Enxota prenúncios que não lhe servem. **“Eu ainda tenho mais força que muitos, não se apoquentem”**, afirma Inês, sacudindo a bata.

O primeiro silêncio, abre oportunidade para mudar de assunto. **“Escutem lá esta”**, grita a anciã - e do largo da Igreja chega a inspiração para o conto do dia. **“Este é mais velho que eu, mas é verda-**

**deiro”**, garante. **“A nossa Igreja podia não existir”**, revela Inês, ganhando de imediato a atenção dos presentes. O suspense enche a sala, e todos se baixam à altura dos joelhos de Inês, tal crianças. **“A Igreja deveria ter sido construída entre Peroguarda e Alfundão, junto a uma oliveira onde diziam ter aparecido a Santa Margarida”**, explica.

**“A Santa apareceu? Como?”**. Pergunta alguém do meio do molho, ainda a tentar arranjar posição no chão que resta. **“Por milagre, ora”**, responde a oradora, com uma aprendida e inquestionável naturalidade católica. **“Continue”**, apressa outro alguém, do canto da casa.

**“No entanto, o mistério do que aconteceu continua hoje por explicar”**, avança. Aliás, são poucas as pessoas que conhe-



cem a história. **“Conta-se que, durante a obra da igreja, o que se construía de dia, era destruído à noite, e as ferramentas vinham aparecer todas em Peroguarda, junto a um zambujeiro que estava onde hoje é o Largo da Igreja (Largo Quirino Mealha)”**, acrescenta. A exclamação enche a sala. **“E depois?”**, não resiste a perguntar uma vizinha.

Foram várias as tentativas de erguer a igreja entre as aldeias, mas, posto o sol, tudo o que se levantava, caía sobre terra, para aparecer em Peroguarda pela manhã. **“O povo, assustado, dizia que era a Santa que não queria ficar ali, a meio do caminho”**, adianta Inês. **“Fosse do medo, ou do respeito pelo fenómeno, tentou-se construir a Igreja junto ao dito zambujeiro e, finalmente, nada lhe aconteceu”**, diz. O zambujeiro resistiu no interior da igreja durante algum tempo. Conta-se que a Santa Margarida tornou as folhas da árvore prateadas.

A pequena plateia em redor de Tia Inês implora mais pormenores da história, quer saber porquês e efeitos. Mas, por hoje, chega, **“voltem mais tarde, eu faço o café e umas fatias de ovos. Afinal, sabem que, daqui, eu não saio”**, conclui. ■



# NAS COSTAS DO MONSTRO

texto e fotos\_ Marco Maurício

A REVISTA DE FERREIRA PASSOU A NOITE COM OS 'HOMENS DO LIXO', E QUIS CONHECER UMA DAS PROFISSÕES QUE ESTÁ NA LINHA DA FRENTE DO FERREIRA SUSTENTÁVEL.

São 4h00 da manhã. Os dias começam do avesso. Arrancam ao contrário, como o corpo, que, abandonado ao silêncio, sem sentidos e aos solavancos, dança em busca da manhã. Sente-se o cheiro. Tudo é cheiro. A braços, rouba-se à rua o que sobrou dum ontem encaixotado – ou espalhado na estrada, como desperdícios sem título ou pedaços de gente em demasia. E o cheiro. Ninguém esquece o cheiro, que se evade entre os dedos. O cheiro, que cai sobre o caminho, rasgando duas silhuetas

desligadas nas costas de um monstro. Parou, mais uma vez. Já foram algumas. Mas faltam tantas. Num salto, acende-se um cigarro amarrotado, e a cada sopro, os pensamentos cansados recolhem ao espírito, içando assim a vontade, feita submissa consolada. Desmotivar, nunca, pois, 'amanhã', toda a gente, mesmo sem saber ou atribuir louvores, vai respirar esse esforço. Ânimo, então. E ao último golpe no cigarro, cresce a esfera incandescente onde cabe o tempo. Ficam para trás as horas dos primeiros minutos de trabalho, e segue a volta que adia o sono. Seguem os 'Homens do Lixo', sós, enquanto Ferreira dorme.

São cerca de seis, os homens que, faça frio, chuva ou calor, acordam com



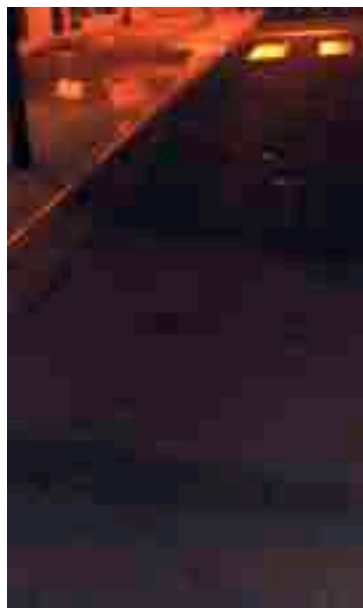
a certeza de que **“alguém tem de fazer este trabalho”**. Nas ruas, entre restos de comida, mobílias partidas, animais mortos, entulho e até produtos químicos, acreditam na dignidade de uma função crucial na sociedade. **“É pena que as pessoas só se lembrem de nós quando não aparecemos ou, por algum motivo, quando o lixo não é recolhido a tempo”**, desabafa Bernardino Rézio, assistente operacional há quase 20 anos.

Bernardino, despreocupadamente equilibrado na traseira do 'carro do lixo', percorre todas as noites as ruas de uma vila que sabe de cor, embalando-se no trajecto com meia dúzia de modas assobiadas – **“temos de cantar para espantar os males. Ajuda a tornar a lida mais leve”**, esclarece, entre risos. Ao lado de João Janeiro, neste serviço há mais de duas décadas, os dois discutem episódios sonolentos de uma semana revirada, pormenores de manhãs a meio e partes de tardes

▲ Inspirados pela Capela de Stª. Maria Madalena, os 'homens do lixo' de Ferreira do Alentejo prepararam-se para mais uma madrugada de trabalho.

mal enquadradas nas rotinas do resto do mundo. **“Isto, descansar de dia não tem nada a ver com à noite. Não há sossego, toda a gente anda para trás e para a frente. É duro”**, explica. **“No Verão, então, ninguém consegue dormir de tarde, com a 'brasa' que está”**, sublinha João Janeiro.





Passam poucos minutos das 5h00. Não se vê ninguém em redor, e só o roncar do 'carro do lixo' cruza uma vila deitada em negro. **"Vamos lá embora, força, tem de ser"**, incentiva João Janeiro. E o sacrifício avança mais uma rua - até porque, em tempos difíceis, qualquer trabalho é um bom trabalho. **"A esta hora, quem guarda Ferreira somos nós. Até que os homens saiam para trabalhar, depois das 6h00, não mexe aí valima, a não ser alguma malta que ande na 'marazice'"**, afirma Bernardino.

A conversa acende, e alerta João Janeiro, que, segurando mais um arranque do 'carro do lixo' apenas com uma mão, usa a outra para apontar a insegurança de trabalhar à noite. **"Ao sábado é que é pior, quando anda aí alguma malta com os copos. Chamam-nos tudo, e estamos sujeitos às más intenções de alguém, nunca se sabe"**, frisa. Do outro lado, responde de imediato Bernardino: **"Mas um homem não pode ligar a isso. Há muita coisa que se passa à noite que é melhor a gente fingir que não vê nem ouve"**.

São quase 6h00, e continua a volta, entre travessas às escuras e civismo mal estacionado, que força nova paragem. Carros à esquerda, à direita, na esquina, e o 'carro do lixo' não consegue passar. Neste momento, José Carvalho, motorista há cerca de 8 anos, pesa a sombra da sua profissão no submundo da consciência colectiva. **"As pessoas deixam os carros de qualquer forma, não facilitam nada o nosso trabalho, mesmo sabendo que passamos às suas portas todos dias. Temos de fazer manobras perigosas para sair de certas ruas, e às vezes, chegamos a andar dezenas de metros em 'marcha a trás'"**, conta. Isto, quando é possível, claro. **"Já aconteceu termos de buzinar e acordar os donos dos carros. Ainda fomos ofendidos, por querermos apenas cumprir as nossas obrigações"**, adianta.

O stress fica na última travessa. E mais a frente, quando o sol aviva o verde das fardas, o 'carro do lixo' já vai cheio. Só de

▲ Pela noite dentro, as conversas e cantigas ajudam a suportar as dificuldades do trabalho.

**"É pena que as pessoas só se lembrem de nós quando não aparecemos. Que a população só perceba o nosso valor quando, por algum motivo, o lixo não é recolhido a tempo."**

**Bernardino Rézio,**  
assistente operacional



Ferreira do Alentejo chegam ao aterro cerca de 10 ou 12 mil quilos todos dias. Ainda assim, nesta conta, Bernardino destaca algumas diferenças de há uns anos para cá. **"Até no lixo se nota a crise, acredite-se. Antes, encontrávamos pão, restos de toucinho, de linguça...Agora, nem as peles as pessoas jogam fora"**, salienta, numa gargalhada. Claro que há excepções. **"Com tanta necessidade, há outros que jogam fora bens materiais, praticamente, novos. É um 'crime'"**, contrapõe José Carvalho, ao volante.

E salta outra vez à baila a palavra desperdício. Debatem-se princípios e manias das gentes. Mas o monstro não sente, não distingue o que presta ou o que pode morrer em si. Não sente o cheiro do que vem cedo demais. Do dispensável, que daria jeito noutra casa. O cheiro, que embriaga a roupa dos que o carregam, e persegue até casa. O cheiro a fim, a vida acabada, sem origem nem razão para continuar a ser. O cheiro, atirado à balda para o lixo, por se tratar disso mesmo, lixo. ■

▲ A equipa de recolha de lixo de Ferreira do Alentejo está na linha da frente do Ferreira Sustentável.



**"As pessoas deixam os carros de qualquer forma, não facilitam nada o nosso trabalho, mesmo sabendo que passamos às suas portas todos dias."**

**José Carvalho,**  
assistente operacional



# FERREIRENSE 'BATE O PÉ' NA LUZ

texto\_ Marco Maurício reportagem no jornal A Bola\_ Texto de Rebelo Carvalheira e fotos de Nuno Ferrari, publicados in A Bola, 20-11-1976, documentos gentilmente cedidos por José Ameixa (ex-futebolista)

EQUIPA DE JUNIORES, ONDE ALINHAVAM 11 JUVENIS, FOI A LISBOA ARRANCAR UM EMPATE AO BENFICA, QUE NÃO PERDIA EM CASA HÁ QUATRO TEMPORADAS. ESTÁVAMOS EM 1976 E O FEITO VIROU LENDA.

**D**epois de quatro temporadas a vencer em casa, mal sabia o Sport Lisboa e Benfica que, de um desarranjado e velho autocarro ('machimbombo'), envolvido numa barulhenta nuvem de fumo, saíam dezoito jovens prontos para bater o pé ao 'glorioso', e trazer um heróico empate para Ferreira do Alentejo. Estávamos em 1976, e os encarnados eram a melhor equipa do campeonato.

Tratava-se de um confronto entre juniores, mas o resultado, um sofrido 0-0, mistura de surpresa e escândalo, fez com que, depois do jogo, o jornal 'A Bola' deslocasse dois



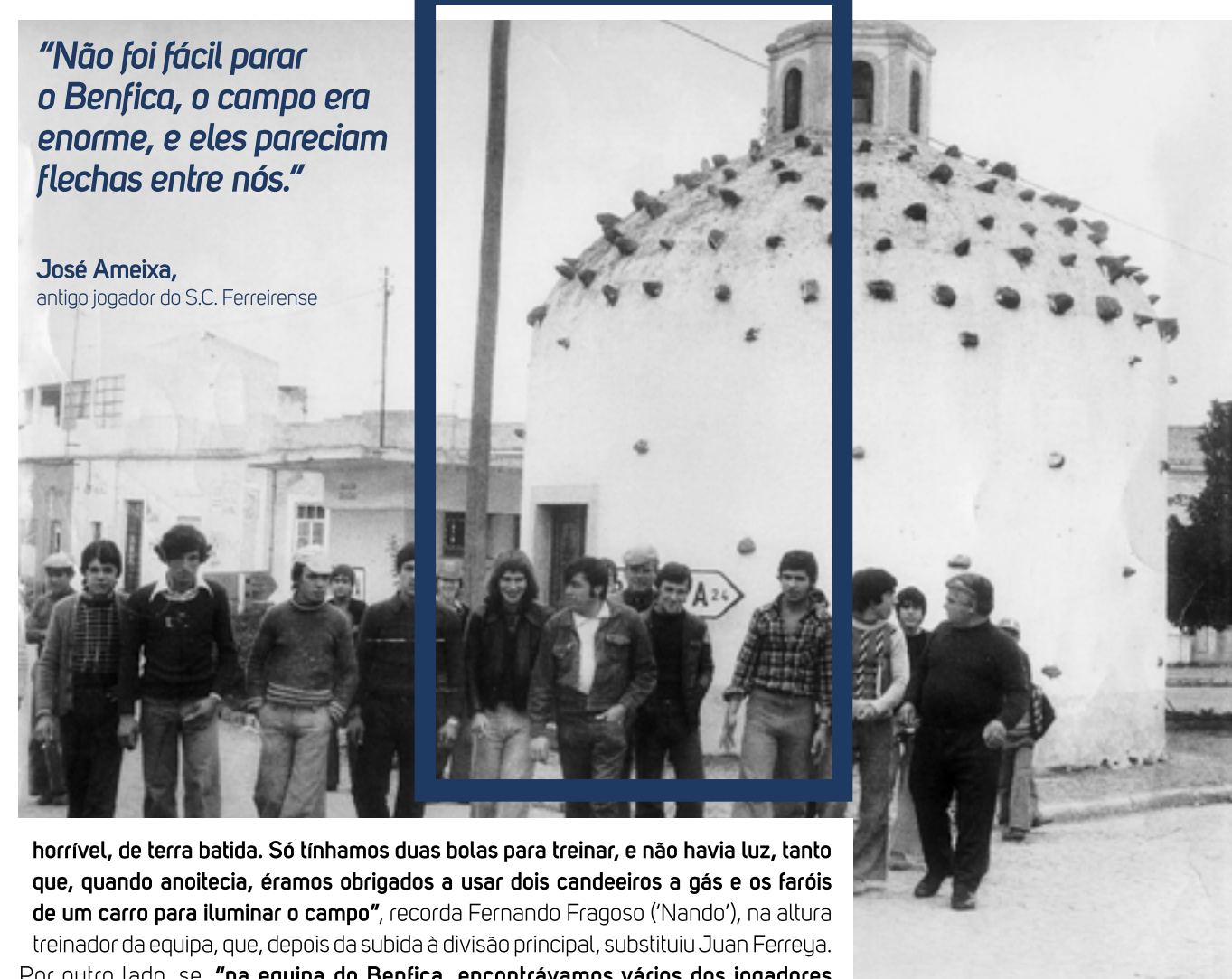
dos seus mais conhecidos jornalistas até ao S.C.F, Rebelo Carvalheira e Nuno Ferrari. Nem se podia esperar menos, a história correu o País, e imprimiu um dos mais emblemáticos episódios desta instituição. A Revista de Ferreira evoca hoje essa conquista.

O espanto do empate não nasceu apenas no óbvio confronto entre David e Golias, versão futebol. A realidade dos clubes era em tudo diferente. Em menos de 20 jogadores, esta equipa levava onze jovens que ainda eram juvenis, o escalão abaixo. As condições de treino eram as piores. **"Nós não tínhamos nada. Os banhos eram de água fria, mesmo no Inverno gelado. O campo era um pelado**

► Fernando Fragofo foi o treinador responsável pelo empate com o Sport Lisboa e Benfica, em 1976.

*"Não foi fácil parar o Benfica, o campo era enorme, e eles pareciam flechas entre nós."*

José Ameixa,  
antigo jogador do S.C. Ferreirense



horível, de terra batida. Só tínhamos duas bolas para treinar, e não havia luz, tanto que, quando anoitecia, éramos obrigados a usar dois candeeiros a gás e os faróis de um carro para iluminar o campo", recorda Fernando Fragofo ('Nando'), na altura treinador da equipa, que, depois da subida à divisão principal, substituiu Juan Ferreyra. Por outro lado, se, **"na equipa do Benfica, encontrávamos vários dos jogadores da Seleção Nacional Sub-19 da altura"**, os ferreirenses, por contraste, não ficavam atrás nos seus currículos. **"A maioria dos nossos atletas cumpria um dia inteiro de trabalho antes de ir treinar. No nosso plantel, tínhamos vários trabalhadores rurais, carpinteiros e mecânicos, só para se ter noção da resistência daqueles jovens"**, conta 'Nando'.

A chegada à 'catedral da Luz' trouxe um daqueles frios que incendeia a alma. A grandeza, o luxo e imponência do clube não deixaram ninguém indiferente **"Para nós, que vínhamos de Ferreira, era um orgulho jogar naquele Estádio perfeito"**, explica José Ameixa, ex-futebolista.

Na entrada em campo, não havia nervos. Havia humildade, força e vontade de ganhar. Ainda que esse sentimento estivesse secretamente acorrentado ao medo concreto de **"levar uma valente cabazada"**, acrescenta o antigo jogador.

▲ Ser jogador do S. C. Ferreirense obrigava a muitos sacrifícios. As condições das instalações não eram as melhores mas nem isso era suficiente para os demover da sua paixão.



No jogo, o Benfica entrou mais forte, e tentou matar a partida logo na primeira parte. **“No entanto, o nosso guarda-redes, José Eduardo, a quem chamaram ‘herói da Luz’, fez as cinco defesas da vida dele. O adversário enervou-se de tal forma que não conseguiu mais encontrar o golo”,** revive ‘Nando’.

O Ferreirense lançou um homem na frente, e fechou-se, qual muralha intransponível, na defesa. **“Depois, bombardeávamos bolas para a frente”,** diz o ex-treinador.

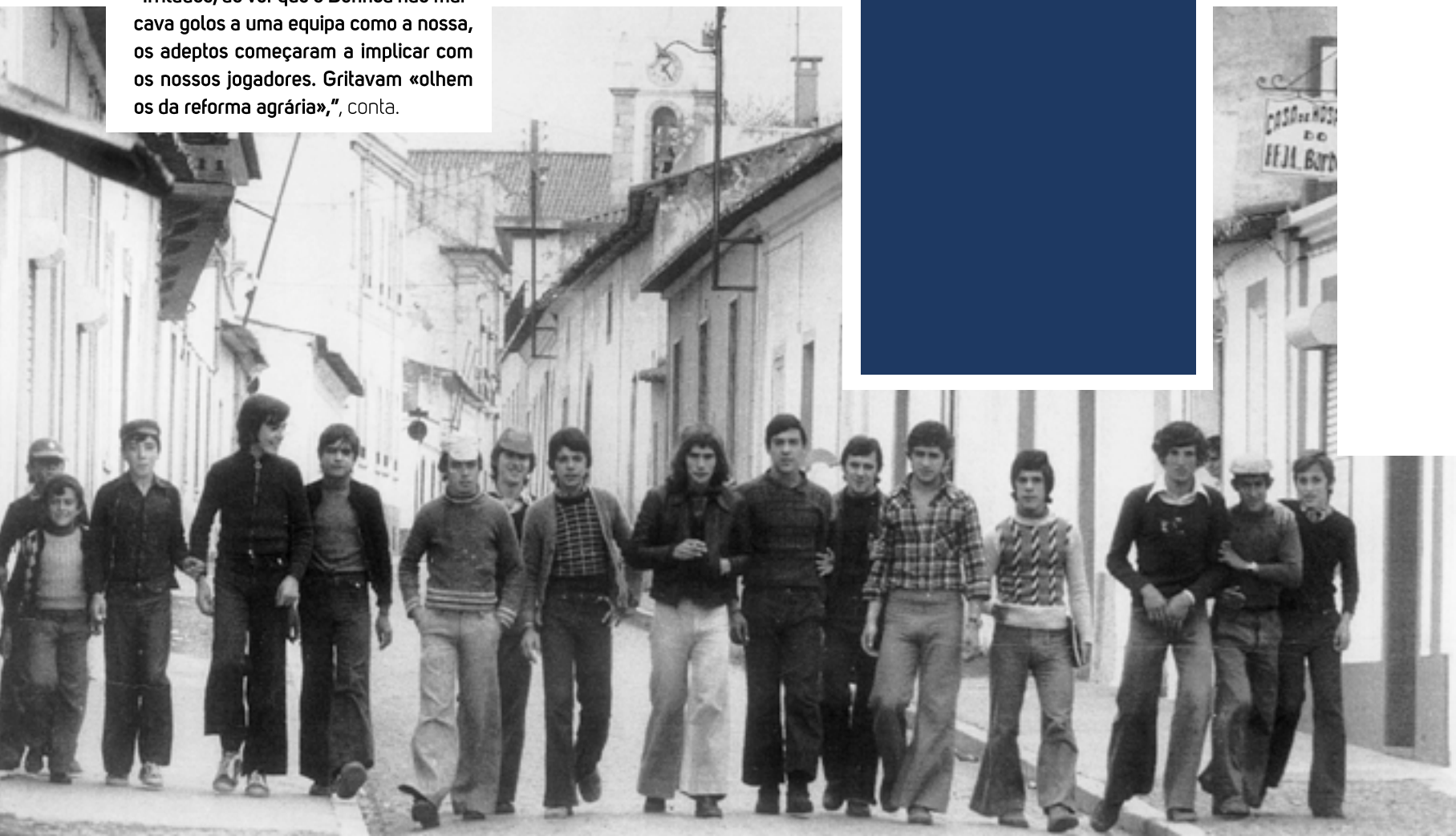
Segundo José ameixa, foram 90 minutos numa árdua tarefa. **“Não foi fácil parar o Benfica, o campo era enorme, e eles pareciam flechas entre nós. Ainda para mais, usavam pitons de alumínio e nós só tínhamos de borracha. Em certos lances, era como se andássemos de patins atrás deles”,** lembra.

O confronto foi aguerrido, e à medida que a confiança ferreirense crescia, no outro meio campo corria o desespero do Benfica, em gotas de um suor sem frutos. **“Irritados, ao ver que o Benfica não marcava golos a uma equipa como a nossa, os adeptos começaram a implicar com os nossos jogadores. Gritavam «olhem os da reforma agrária»,”,** conta.

▼ Muitos dos jogadores da equipa do S. C. Ferreirense chegavam aos treinos depois de um dia inteiro de trabalho.

**“No nosso plantel, tínhamos vários trabalhadores rurais, carpinteiros e mecânicos, só para se ter noção da resistência daqueles jovens.”**

Fernando Fragoso,  
antigo treinador do S. C. Ferreirense



Um jogo psicológico sem efeito. Pois, o S.C.F. chegou mesmo a acreditar na vitória. **“Em campo, os jogadores do Ferreirense perceberam que, de homem para homem, nenhum dos encarnados era melhor que eles”,** acredita ‘Nando’. As dificuldades do clube ficaram à porta, e os miúdos de leão ao peito agigantaram-se entre as linhas. **“A nossa equipa tinha muita força, mental e física. Reinava a moral de termos sido campeões distritais, e estávamos em forma, devido a longas corridas, que fazíamos no mato, naquela terra charruada”,** descreve.

Enfim, só não ganharam o jogo devido a um lance infeliz, nos últimos segundos, onde um jogador do S.C.F., isolado, faltou o golo.

No final da partida, à entrada do balneário, a direcção do Benfica aplaudiu a equipa de Ferreira do Alentejo. As principais rádios, jornais e revistas desportivas cercaram o plantel, e todos os jornalistas fizeram a mesma pergunta. **«Como é que uma equipa, que aparece do nada e é vaiada durante o jogo, empata com o Benfica, o campeão nacional?!».** ■

▼ O jornal desportivo ‘A Bola’ destacou dois dos seus melhores jornalistas (Rebela Carvalheira e Nuno Ferrari) para cobrir o evento. A notícia correu o país inteiro

## Equipa técnica presente

**Dirigentes:** António Pita, Francisco Guia, José Sabino e José Francisco Favinha.

**Treinadores:** Fernando Fragoso e Juan Ferreyra.

**Plantel:** José Eduardo; José António Nobre; António Francisco dos Santos; Joaquim Camacho; Carlos Alberto Dionísio; Armindo Fragoso; José Ameixa; José António Dotes; António Salgado Ramos; Francisco Patrício; José Luís Soares; Francisco Santana; Mário Coelho Vaz; Mário Guerreiro; João Manuel Bastos; João Camacho; Augusto José Banza; José António Rodrigues. ■



# O 'TIC TIC' DE CHICO 'ENGUIÇO'

texto\_Marco Maurício fotos\_Augusto Caetano e Marco Maurício

A REVISTA DE FERREIRA RECORDA BARBEIRO EMBLEMÁTICO, NA VOZ DA FILHA. SEGUROU A PRIMEIRA NAVALHA COM APENAS 12 ANOS, E TRABALHOU ATÉ AOS 80.

O burburinho enche as ruas, no rebuliço do comércio vivo que funde as avenidas. Vê-se gente lançada a 'mandados', rotinas e prazeres, desde cedo. Ouvem-se 'bons dias' do outro lado da estrada, entre 'tanganhadas' e palmadas nas costas. Os cavalheiros, num rápido impulso, retiram prontamente os chapéus às raparigas, em tons de galanteio, enquanto os mais tímidos se limitam a ficar encostados à parede, fingindo assunto, para as ver passar.

*"Nem toda a gente cortava cabelo, alguns só queriam ir lá saber novidades, ler o jornal 'O Século' ou desabafar com o meu pai."*

Maria de Jesus,  
filha de Chico 'Enguiço'

Entre tantas lojas, mais um dia começa, diferente em cada canto, diferente em cada pregão. Mas, nesta história, o mote chega da rua. Chega ao encontro de um homem discretamente cativante, que dá os últimos toques de arrumo ao negócio de uma vida:

«Mestre Chico, com licença, posso entrar? - Entrou o primeiro cliente. Será que este quer cortar, ou apenas saber a última?!»

Entretanto, sem intervalo, sobe o poial mais um cliente à procura de aprumo. E outro, e outro. A pequena Barbearia Santo António depressa fica à pinha. Não interessa o motivo que os leva lá, barba, cabelo, caldinho ou só a prosa matinal. Na algazarra de uma sala cheia, os dias correm em frases soltas. Segredos, notícias, a última goleada do Ferreirense, discute-se tudo naquela cadeira branca, debaixo do 'tic tic' afinado da tesoura de Chico Enguiço. Se alguém se exalta, vá um 'cachacinho' para trazer o sossego à casa.

Fica a memória. Chico Enguiço, como gostava de ser conhecido, nasceu em 1915,

*"Não sabia nem queria fazer mais nada. Foi muito difícil fazê-lo parar de trabalhar. Mesmo no lar de terceira idade, ele insistia em ajudar o cabeleireiro que lá ia, regularmente."*

Maria de Jesus,  
filha de Chico 'Enguiço'



faleceu com 90 anos, e trabalhou como barbeiro até aos 80. Pela sua casa, passava, semanalmente, grande parte da ala masculina do concelho.

Em retrospectiva, salta-nos à vista um mundo que avançou sem olhar para trás. Neste exemplo concreto, as barbearias ou cabeleireiros de homem deixaram de ser o pólo social que eram. As rotinas fechadas, o dia a dia em corrida e as novas vontades trouxeram relações diferentes entre as pessoas. E os 'ajuntamentos de malta' para conversar viraram gotas intermitentes de gente apressada.

Recordamos Chico Enguiço, hoje, nas palavras da filha, Maria de Jesus. **"Começou a trabalhar desde miúdo, com apenas 12 anos, na barbearia do Sr. Manuel do Monte, que ficava onde hoje é a Espingardaria. Mais tarde, o padre**

Alcobia arrendou-lhe a casa da ermitoa para montar o seu próprio negócio. Num 'contrato de boca', esse espaço custava 150 escudos, por mês", conta.

A sua juventude, a boa disposição e o 'jeito para a coisa' foram-lhe trazendo cada vez mais clientes. Ao fim de alguns anos, a sua figura já se tinha transformado em referência. Além disso, o relógio mais tranquilo das pessoas de antigamente e a localização central da barbearia levavam lá os clientes numa corrente natural. **"Nem toda a gente cortava cabelo, alguns só queriam ir lá saber novidades, ler o jornal 'O Século' ou desabafar com o meu pai"**, lembra.

A vida humilde obrigava-o a trabalhar fora de horas. Ao sábado à noite, esperava pelos trabalhadores rurais, que faziam a barba apenas uma vez por semana, por exemplo. No entanto, fazia também serviço ao domicílio. Segundo Maria de Jesus, a navalha do seu pai deslizou sobre o rosto de pessoas marcantes na região. **"Chegou a ir fazer a barba a casa do D. Diogo Passanha. Ele, ainda que meio doente, em tom de brincadeira, dizia ao meu pai que ele era o único homem que lhe colocava as mãos na cara"**, revive, entre sorrisos.

Trabalhar era o maior prazer deste barbeiro. Adorava apreciar novos cortes de cabelo, quando saía de Ferreira do Alentejo. Na sua opinião, penteados malucos



estavam fora de questão. O visual tinha de ser limpinho, com um corte escadeado, clássico, bem definido.

**“Não sabia nem queria fazer mais nada. Foi muito difícil fazê-lo parar de trabalhar. Mesmo no lar de terceira idade, ele insistia em ajudar o cabeleireiro que lá ia, regularmente”,** acrescenta.

No entanto, a chama da idade ficou mais fraca, tal como a da lâmparina que usava para aquecer a água na barbearia. Os homens passaram a andar de carro, e já mal paravam para mandar vaia. A brilhantina foi substituída pelo gel de cabelo, e a barba começou a fazer-se em casa.

**«Mestre Chico, posso entrar? - Entre sim, e feche a porta, se faz favor».** ■

◀ Chico “Enguiço” na sua Barbearia Santo António.



## Mudam-se os tempos, Mudam-se os penteados

Quando, no concelho, quase todos encostaram a tesoura cansada, surgiu um jovem com vontade de revolucionar o negócio. Luís Costa, 31 anos, trocou uma carreira no futebol profissional por um cabeleireiro de homem. **“O meu avô era barbeiro em França, e isso motivou-me a frequentar um curso profissional na área”,** conta.

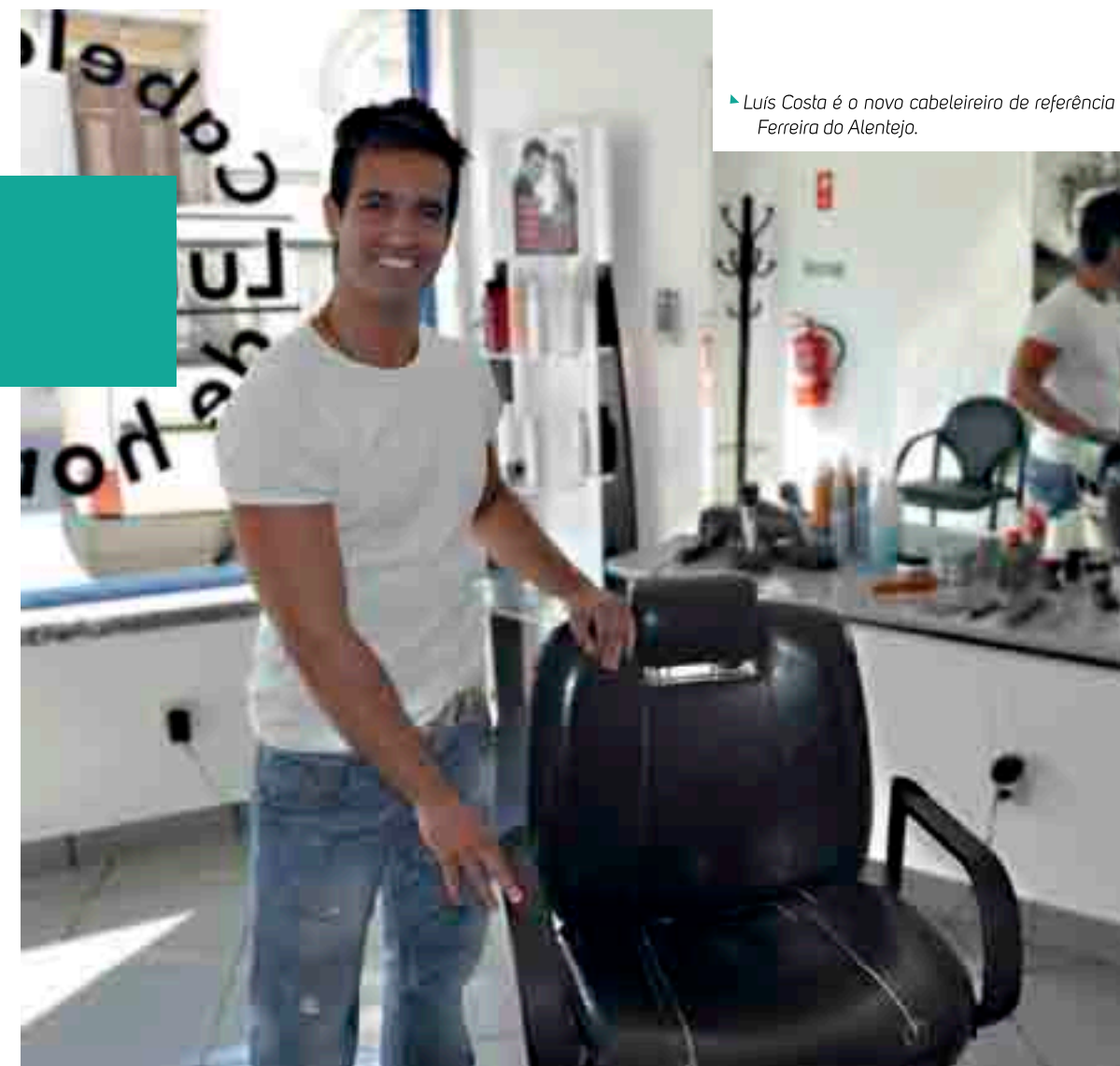
Depois da formação, fez um estágio no conhecido salão da Regina. Nove meses depois, preparava-se para abrir o seu próprio cabeleireiro. **“Os barbeiros estavam todos a fechar, e eu tinha vontade de abrir um espaço novo, onde pudesse lançar estilos diferentes e mais sofisticados, a pensar no homem moderno”,** explica.

Luís Costa admite que os tempos mudaram. “Se, além de cortar o cabelo, as mulheres ainda procuram o cabeleireiro para descontraír e conversar, os homens são bem mais práticos e menos dados a convívio”, afirma.

Ainda assim, tal como Chico Enguiço o foi na sua época, é ele, agora, a referência desta profissão no concelho. Ignora qualquer estereótipo que associem a profissionais masculinos desta área, e garante mesmo **“ser impulsor de muitas modas entre a rapaziada nova”.** ■

**“O meu avô era barbeiro em França, e isso motivou-me a frequentar um curso profissional na área.”**

Luís Costa,  
cabeleireiro profissional



▶ Luís Costa é o novo cabeleireiro de referência em Ferreira do Alentejo.



# 'JET 7' ADORA ARTESANATO FERREIRENSE

texto e fotos\_ Marco Maurício

EMPRESA FERREIRENSE REVITALIZOU O TRADICIONAL  
MOBILIÁRIO ALENTEJANO.

**S**ão já poucas as casas alentejanas decoradas no rigor da tradição.

Os artesãos foram perdendo a luta com os gigantes ikea's, os gostos ganharam tons monocromáticos e a moda metalizada empurrou a florida mobília de madeira para os museus. Contra a corrente, continua apenas a Mobiltral, de Ferreira do Alentejo, que, com apenas cinco colaboradores, afirma ser a única empresa no País a construir, decorar e vender mobília alentejana.

Segundo Luís Custódio, responsável pela Mobiltral, **"esta é uma empresa que resiste desde os anos 60 – na altura, chamada Agostinho e Filhos, lda. Em meados dos anos 80, atingida por sérias dificuldades financeiras, foi adquirida pela Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo"**, conta. Hoje, juntamente com Joaquim Rocha (chefe de produção), Anabela Custódio (decoradora), Clara Ramos (carpinteira) e Paulo Baião (pintor) faz parte de uma equipa que já se afirmou como embaixadora cultural do concelho.

Segundo a direcção, **"os clientes da Mobiltral não são daqui"**, pois, na zona, a maior parte das pessoas tem apenas uma peça ou outra, como estandarte desfalecido da memória. Aliás, perante esta realidade, fica uma nota curiosa: **"o Jet 7 adora o artesanato ferreirense"**, revela Luís Custódio. Lisboa, Porto e estrangeiro são os pólos de onde chegam os maiores fãs. **"Quem compra são pessoas com algum poder económico, que dão muito valor ao que é feito à mão"**, explica.

Na origem, ou seja, na fábrica, entre as tábuas e pregos do tempo, Joaquim Rocha monta mobílias desde os 14 anos. Não querer estudar trouxe-lhe cedo um emprego como sentença de seu pai. Quis o destino que encontrasse o primeiro trabalho numa carpintaria. **"Naquele**



Anabela Custódio reproduz o tradicional padrão floreado, agora pintado com um traço mais solto.

tempo, demorávamos oito dias para fazer uma cama, e íamos a Beja, à boleia, comprar tintas em cada encomenda. Era um negócio mais modesto", lembra. **"Agora, temos outros recursos, há é menos gente a querer pegar nisto"**, acrescenta.

Aos 52 anos, carrega no espírito uma responsabilidade que não pode cansar. **"Já somos reconhecidos pelo nosso trabalho, mas não nos mantemos neste sector pelo lucro, é mais pelo peso de uma tradição que, se desistirmos, vai morrer"**, desabafa.

Aqui, o branco, vermelho, azul e verde são as cores em que o passado ganha vida. O padrão – flores – é também

o mesmo de sempre, com um traço mais solto. Os pincéis são concebidos 'em casa' e têm uma textura específica para o trabalho. Quanto às técnicas, o dedo é a única e fiel bitola, enquanto as tintas são amassadas à mão, para cada peça.

**"São formas de trabalhar antigas, que não se aprendem na escola ou em simples formações. Claro que é tudo feito com muita delicadeza e minúcia, uma vez que pintamos directamente na madeira, mas esta arte também vive muito do instinto e da criatividade"**, explica Anabela Custódio.

A grande maioria dos apreciadores deste tipo de mobília vem quase sempre à procura do que é típico e genuíno na região, mas novos tempos exigem também uma nova política. **"Temos de sobreviver, o que nos leva já a aceitar alguns pedidos personalizados. Mas recusamo-nos a desvirtuar a essência alentejana e a nossa traça original"**, esclarece a decoradora.

Quanto ao valor das peças, a gerência garante ser simbólico, perante a qualidade dos trabalhos. **"São mobílias que, além dos acabamentos excepcionais, podem durar décadas até precisarem do primeiro restauro"**, afirma Anabela Custódio. ■

**"São mobílias que, além dos acabamentos excepcionais, podem durar décadas até precisarem de restauro."**

Anabela Custódio,  
decoradora de mobília alentejana

**"Já somos reconhecidos pelo nosso trabalho, mas não nos mantemos neste sector pelo lucro, é mais pelo peso de uma tradição que, se desistirmos, vai morrer."**

Joaquim Rocha,  
carpinteiro

# A PRIMEIRA REPÚBLICA EM FERREIRA

texto\_ Luís Pita Ameixa, Deputado na Assembleia da República



## 1- VIVA A RÉ...! A República chega a Ferreira.

Como se sabe, foi em 5 de Outubro de 1910 que se implantou a República em Portugal. Celebra-se agora 100 anos.

Com a República, o Chefe do Estado deixou de ser o filho do pai (necessariamente o mais velho e masculino), para passar a ser um cidadão ou cidadã, de entre todos, e escolhido por todos.

Deixou de ser o figurante de uma família, para passar a ser o representante de toda a Sociedade.

As pessoas, em vez de súditos, passaram, igualmente, a cidadãos.

Como provém da língua latina, o País passou a ser uma res (coisa) pública (de todos).

Para falarmos de Ferreira do Alentejo, uma questão que se pode colocar, à partida, é se, nas condições desses tempos, havia informação, conhecimento e participação política, numa terra do interior do País como esta.

Eça de Queiroz, em "Os Maias" (romance publicado em 1888, sensivelmente dentro

da época a que nos referimos), escreveu, a dado passo, o seguinte, na voz do personagem, João da Ega:

**"- Lisboa é Portugal (...). Fora de Lisboa não há nada. O país está todo entre a Arcada e S. Bento!"**<sup>1 2</sup>

Talvez por isso, o panfletário republicano, João Chagas, dirá, mais tarde, que, triunfando a revolução em Lisboa, no resto do País,

**"... fazemo-la depois pelo telegrapho."**

O que, aliás, confere com a afirmação irónica de um adversário, Joaquim Leitão, segundo o qual,

**"... a República fez-se em todo o Paiz não com os tiros dos canhões da Rotunda mas com o ponto-traço das estações telegraphicas. Quem implantou a República em Portugal não foi o Sr. Machado Santos. Foi o systema Morse..."**<sup>3</sup>

Para ilustrar a ignorância provinciana, podemos citar, Miguel Torga, que escreveu as palavras de um camponês do Norte que, implantada a República,

pergunta, credulamente:

**"Sempre é verdade que o nosso rei agora é o Doutor Afonso Costa?"**<sup>4</sup>

Enfim, nesta linha, é conhecido o aforismo, ainda hoje muito usado:

**"Portugal é Lisboa e o resto é paisagem".**

É claro que estas "frases feitas", se bem que tenham a virtude de transmitir uma imagem e de darem uma definição, são sempre uma simplificação de uma realidade mais complexa.

Ora, em Ferreira, as coisas não eram bem assim!

A nossa investigação permite-nos afirmar que a política, em Ferreira do Alentejo, foi sempre muito vivida, e nesse período do fim da monarquia e princípio da República, sobremaneira.

Os dirigentes locais acompanhavam a par e passo a vida pública nacional.

E talvez para isso também contasse muito o facto de um dos mais importantes protagonistas políticos nacionais ser um ferreirense: Júlio de Vilhena.<sup>5</sup>

Para se ver como, em Ferreira do Alentejo, se estava atento à vida política pode encontrar-se nas actas da Câmara, por exemplo, que, já em **1891**, foi tomada posição por causa da revolta republicana do 31 de Janeiro no Porto.

O que aconteceu foi que, naquela cidade do Norte, eclodiu uma tentativa revolucionária militar, precoce, de implantar a República, a qual, porém, foi derrotada num banho de sangue, deportações e prisões.

A Câmara de Ferreira, na altura uma Câmara Monárquica, logo no dia 5 de Fevereiro, reuniu e discutiu o assunto, tendo deliberado tomar uma posição e transmiti-la ao Rei de Portugal, que dizia o seguinte:

**"A Câmara em seu nome e no dos povos deste município - lamentando os tristes acontecimentos, que tiveram lugar na cidade do Porto no dia trinta e um de Janeiro último - que fizeram derramar sangue português, tendo em vista o derrubar as instituições monárquicas que nos regem, pretendendo-se substituí-las pelo sistema republicano, donde**

**certamente adviriam danos irreparáveis para a independência, crédito financeiro e bem-estar deste País, resolve felicitar sua Majestade El-Rei e família real, pelo malogro da revolta, e protestar mais um vez sua fidelidade à dinastia reinante e instituições vigentes."**

Depois, na reunião seguinte, de 12 de Fevereiro de 1891, a mesma Câmara pôde inteirar-se, orgulhosamente, de que, **El-Rei D. Carlos I, tinha respondido, através de um telegrama, agradecendo "com viva satisfação" a posição dos ferreirenses.**

A caminhada para a implantação da República em Portugal foi longa e percorreu praticamente todo o século XIX e princípio do século XX, culminando na revolução de 5 de Outubro de 1910.<sup>6</sup>

A doutrina republicana e as comissões republicanas foram-se espalhando por toda a parte, muito a partir do tricentenário de Camões, em 1880, e, principalmente, depois da crise do chamado mapa cor-de-rosa e do ultimato britânico de 1890.

Tratou-se de uma abdicação de posições nacionalistas, nas colónias do sul de África, por parte do governo monárquico, que deixou este ferido de grande desprestígio.

A partir de então os republicanos autenticamente cavalgaram o tema nacionalista, e passaram a organizar iniciativas à volta de símbolos atinentes, como a Restauração da Independência (o 1º de Dezembro), ou a figura simbólica de Luís

<sup>1</sup> Referia-se às arcadas da Praça do Comércio, onde estão os Ministérios, e ao Palácio de S. Bento, sede do Parlamento em Lisboa.

<sup>2</sup> Eça de Queiroz, "Os Maias - episódios da vida romântica", pág. 170.

<sup>3</sup> Joaquim Leitão, cit. por Jacinto Baptista, em "O 5 de Outubro", pág. 68.

<sup>4</sup> Miguel Torga, "Um Reino Maravilhoso", in "Portugal", pág. 29.

<sup>5</sup> **Júlio Marques de Vilhena**, nascido em Ferreira do Alentejo, em 1845, foi um dos mais importantes homens portugueses do tempo final da monarquia, e não só no campo da política: Ele foi Governador do Banco de Portugal, Presidente do Supremo Tribunal Administrativo, Presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Foi também Deputado, Ministro em vários Governos, liderou o importante Partido

Regenerador, foi Conselheiro de Estado. Foi Director dos jornais "O Universal" e "Diário Popular". Deixou vasta obra escrita publicada.

<sup>6</sup> Neste sentido, vpe, Maria de Fátima Bonifácio, in "A Monarquia Constitucional, 1807-1910", págs. 16/17 e 160/161.



de Camões, autor de “Os Lusíadas” (que é como quem diz, “Os Lusitanos”, “Os Portugueses”), e, assim, foram penetrando a vontade das massas populares. Em Ferreira do Alentejo, testemunhos da tradição oral contam uma história curiosa, segundo a qual, efectivamente, já antes da República se implantar, existia um certo fervilhar do republicanismo e que, nesse contexto, **havia uma daquelas personagens típicas, como há em todas as terras e gerações, que os republicanos incitavam a dar gritos de “VIVA A REPÚBLICA”, para solene incómodo dos monárquicos no poder, os quais terão reagido agrestemente contra tamanha ousadia e o que consideravam ser uma provocação.**

**Ora, esse tal popular, temeroso das represálias dos monárquicos, nunca mais gritou “VIVA A REPÚBLICA!”.**

**A partir daí, para não cometer o agravo de dizer a palavra reprovada, mas não desistindo de inculcar a sua ideia (ou a que lhe empurravam), passava nos lugares públicos e gritava: “VIVA A RÉ...!”.**

**Assim, desculpava-se de não ter pronunciado a palavra República, mas não deixava de irritar fortemente, como se pretendia, aliás, os conterrâneos monárquicos.**

Destas e de outras maneiras, o caminho trilhado pela ideia política republicana, em Portugal, foi feito de tal maneira que, no ano de **1908**, após o assassinato do Rei, D. Carlos (1 de Fevereiro), os republicanos, nas eleições legislativas de 5 de Abril, elegem sete Deputados para o Parlamento da Monarquia, e, em 1 de Novembro, também no âmbito da democracia monárquica, realizam-se eleições autárquicas nas quais os republicanos progridem eleitoralmente e incrementam a sua participação nas administrações municipais.

Uma das Câmaras ganhas pelos republicanos foi - nada mais, nada menos - a de Lisboa.

Nessas eleições, as listas republicanas elegeram bastantes vereadores e ganharam

► *O ferreirense, Júlio de Vilhena (de bigode e mão no bolso), junto ao Rei D. Manuel II (com capacete de plumas), em 1908*



mesmo 13 Câmaras Municipais, sendo que parte delas se situavam no Baixo-Alentejo (Grândola, Odemira, Santiago do Cacém, Cuba), o que dá bem a ideia da implantação republicana nesta Região.

A própria Câmara de Ferreira do Alentejo, não sendo de eleição republicana, virá, no entanto, mostrar já grande abertura e simpatia pelos republicanos, como vamos verificar.

Em Abril de 1909, logo a Câmara Municipal de Lisboa, agora sob a bandeira republicana, realiza uma grande iniciativa política nacional - o Congresso Municipalista - sob o signo da defesa da autonomia municipal e da descentralização administrativa, conseguindo congregar nele uma grande parte das Câmaras e Freguesias do País, mesmo monárquicas.

Ora, em Ferreira do Alentejo, os autarcas de então não andaram afastados desses acontecimentos.

Logo em Dezembro de **1908**, a Câmara de Ferreira já tinha recebido um ofício de saudação da Câmara de Lisboa, enviado a todo o País, e imediatamente respondeu, agradecendo à novel Câmara republicana da capital, e **“...deliberando outrossim se lhe dissesse que podia contar com a inteira adesão desta Câmara em tudo quanto aquela faça em prol da descentralização dos municípios portugueses”.**

Assim, patenteando essa simpatia, não admira o entusiasmo com que os autarcas de Ferreira do Alentejo receberam, pouco depois, o convite da Câmara Municipal de Lisboa para aderirem e participarem no Congresso Municipalista.



► *José Joaquim Gomes de Vilhena (pai), Visconde de Ferreira do Alentejo, importante figura monárquica local.*

Na sessão da Câmara, de **4 de Março de 1909**, foi, formalmente, deliberado: **“... aderir incondicionalmente à louvável deliberação da municipalidade de Lisboa e em tudo quanto diga respeito à descentralização administrativa dos municípios, que actualmente nada podem fazer a bem dos seus administrados, por causa da opressora tutela administrativa.”**

E, efectivamente, a Câmara de Ferreira do Alentejo, viria a participar no Congresso Municipalista, onde terá sido muito bem recebida, e após a sua realização, na sessão de Câmara de **29 de Abril de 1909**, o Presidente informou a Vereação, afirmando que trazia do Congresso, **“...as mais gratas recordações não só pelos assuntos que nele trataram, e de que tanto falou a imprensa, como pelas cativantes distinções de que foi alvo pelos digníssimos vereadores daquela municipalidade”.**

O Presidente da Câmara era o comendador, José de Vilhena, que, como veremos à frente, há-de vir a aderir à República na qual teve uma importante participação.

Talvez esta reunião de Lisboa tenha tido influência para que isso viesse a acontecer. Um ano e meio depois (5 de Outubro de 1910) dá-se a revolução republicana, ganha, na capital, nos combates da rotunda e proclamada, pela voz de José Relvas, justamente da varanda da Câmara Municipal de Lisboa.

Ora, logo a **7 de Outubro de 1910**, em Ferreira do Alentejo é substituída, em conformidade com a revolução, a Câmara Municipal.

Por ordem do Governador Civil do Distrito (na sequência da revolução tinha sido nomeado para o cargo o republicano bejense, António Aresta Branco) a Câmara é entregue aos membros da Comissão Municipal Republicana.

Estas Comissões, ainda no tempo da democracia monárquica, foram-se constituindo por todo o País, como dissemos, congregando os adeptos republicanos locais, os quais faziam a apologia e propaganda dos ideais da República. Tais Comissões conheceram grande ade-

são e aglutinaram muitas figuras locais credíveis e de prestígio, sobretudo entre as classes mais dinâmicas e com ambição de modernização, ligadas ao comércio, à indústria, aos serviços públicos e, alguns, mesmo, à agricultura.

**Os membros da Comissão Republicana de Ferreira do Alentejo, que, em 7 de Outubro, tomaram posse da administração municipal, foram:**

- Manuel José dos Santos;
- Felício José do Monte;
- José Nunes Ferreira Lima de Oliveira;
- Carlos José Moreira;
- Fernando José Saraiva.

Foi lavrada uma acta, sendo secretário da Câmara, António Francisco da Silva Borges, relatando que o acto ocorreu, nos Paços do Concelho, pelas seis horas da noite, e em que dá conta do ambiente vivido, assim:

**“...com assistência de grande número de pessoas, digo cidadãos, reinando o maior entusiasmo enquanto durou o acto de posse.”**

**É curioso como o Borges, Secretário da Câmara, habituado, durante anos, a exarar os actos públicos, ainda não se tinha adaptado à nova terminologia, igualitária, da República, enganou-se, e teve de intercalar, por emenda, o termo “cidadãos”.**

A acta acrescenta ainda diversas assinaturas de alguns dos que testemunharam, com a sua presença, o inesquecível momento e que, certamente, fizeram questão, com um grande orgulho, de apor o seu nome naquele acto, e que pelos seus apelidos ainda hoje podemos identificar familiarmente:<sup>7</sup>

**Inácio José dos Santos, Jacinto Manuel de Oliveira, José Agostinho Marques Guerra, João Gonçalves Lança, José Francisco Moreira Lança, José Tomaz Cordeiro, Domingos José Pires, José Augusto Soares de Sousa, José Carlos da Silva Moreira, Jacinto Pereira Salgado, José Francisco Aniceto, João Francisco Beja, José António Machado, Inocência da Conceição Amaro, Alberto José Fragoso, Francisco António Silva Machado, Domingos de Vilhena Pires, José Joaquim Rosado Júnior, João Batista da Cruz, Francisco Inácio Vieira, Joaquim Manuel Fialho, José Joaquim Rosado, Inácio José Soares de Sousa, João Ferro Carvalho Júnior, José Francisco de Matos Esteves Fialho.**

<sup>7</sup> Note-se que o Censo de 1911 deu 60,8% de analfabetos, em Portugal (com mais de 7 anos de idade, homens, que é o que nos interessa analisar dado o perfil de participação política da época).



▲ À bandeira de Portugal, azul e branca, da Monarquia, sucedeu a bandeira, de Portugal, verde e rubra, da República.

De entre os novos dirigentes republicanos de Ferreira do Alentejo, o mais activo parece ser, Carlos Moreira, pois nascem dele muitas das propostas que a Câmara virá a aprovar nos dias seguintes.

Assim, foi ele que propôs logo que a Câmara enviasse telegramas de felicitação, pela vitória republicana, ao Governo Provisório, presidido por Teófilo Braga, e à Câmara de Lisboa, que se abrisse uma subscrição a favor das vitimas sobreviventes da revolução, e que Ferreira do Alentejo estivesse representada nos funerais dos revolucionários republicanos, Miguel Bombarda<sup>8</sup>, e, Cândido dos Reis, e que (certamente por dificuldades de deslocação a Lisboa) fosse pedida essa representação “ao cidadão, doutor, Brito Camacho”<sup>10</sup>.

A Câmara Republicana também tratou logo de mudar os nomes de algumas ruas da Vila, adaptando a toponímia à nova situação política, deliberando do seguinte modo: “... que a rua que actualmente se denomina dos Frades, passe a nominar-se Rua Miguel Bombarda; que a rua que actualmente tem o nome de Hintze Ribeiro, se dê o nome de Rua de Cândido dos Reis; que a rua D. Luís, passe a denominar-se Rua da República; e que a rua Lopo Váz, passe a denominar-se Rua Visconde de Ferreira do Alentejo, e a que actualmente tem este nome passe a denominar-se Rua Cinco de Outubro”.

Foi ainda deliberado, dias depois, que: “...a rua que actualmente tem o nome de rua da Olaria, passe a denominar-se Rua Machado dos Santos.”<sup>11</sup>

Esta intrincada pléiade de nomes resultou do seguinte: Lopo Váz de Sampaio e Melo, era Ministro da Justiça, em Setembro de 1890, (Júlio de Vilhena era, nesse Governo, Ministro da Marinha) quando foi criada a Comarca Judicial de Ferreira do Alentejo (era, apenas, já Julgado Municipal, desde 16 de Dezembro de 1886), e, por isso, a Câmara, em reunião de 26 de Fevereiro de 1891, dera, a Lopo Váz, o nome de uma rua, que até então se chamava, Rua de João Lopes.

Depois, em 1895, por Decreto de 21 de Novembro, Ferreira do Alentejo, foi requalificado como Concelho de segunda classe, foram-lhe acrescentados novos territórios e aumentada a Comarca Judicial, com a inclusão da Freguesia de S. João de Negrilhos (Montes-Velhos, e, Jungeiros).

A Câmara agradeceu efusivamente ao ferreirense, Júlio de Vilhena, que terá intercedido em todos estes feitos, e este, certamente reconhecendo de quem se tinha valido, veio sugerir que se desse o nome de uma rua ao Presidente do Ministério (equivalente actual a Primeiro-Ministro), que tomara essas decisões, tão importante para Ferreira do Alentejo - Ernesto Hintze Ribeiro.<sup>12</sup>

Há que notar que estas mudanças toponímicas se dão em pleno período revolucionário, que foi, radicalmente, antimonárquico e anticlerical.

Assim, não admira que a Rua dos Frades não tivesse hipótese de subsistência ou que o Rei D. Luís perdesse o direito a figurar na toponímia local.

Mas, o que é de sublinhar é que a Rua Visconde de Ferreira do Alentejo, um título monárquico, não cai. Muda de localização, mas mantém-se.

Isso talvez queira significar a importância e respeito local à pessoa do Visconde ou, porventura, por causa do seu filho, José, que, como veremos, será um dos principais republicanos da terra, ligado, aliás, ao Partido mais radical da revolução, digamos, mais à esquerda, liderado por, Afonso Costa – o Partido Democrático.<sup>13</sup>

Ainda hoje se mantêm os nomes daquelas ruas que os ferreirenses republicanos rebaptizaram em 1910.

Tal como ainda persiste a tradição oral, antiga, de chamar Rua dos Frades, à Rua Miguel Bombarda, ou chamar Rua de Beja, à Rua Cândido dos Reis.

## 2 – Um Documento Inédito. O Centro Republicano.

Como já se referiu acima, os republicanos foram-se organizando por todo o País através de Comissões Municipais Republicanas.

Entre os ideais da República sobrelevava a educação e ensino.

Os republicanos tinham muito a ideia do engrandecimento do Povo, e do progresso do País, através da educação, do conhecimento e da cultura.

Por isso essas Comissões distinguiram-se por incrementarem centros educativos e escolas, bibliotecas, caixas de apoio financeiro à educação dos mais pobres, etc., e, ainda hoje, alguns destes Centros Republicanos subsistem.

Ora, em Ferreira do Alentejo, também os republicanos se abalançaram a criar o seu Centro Republicano.

Por acaso sucessório, vieram-me à mão os estatutos do “Centro Republicano 1º de Dezembro” de Ferreira do Alentejo. Trata-se de um conjunto de 15 folhas de papel selado, do ano fiscal de 1911, selo de 100 réis, cosidas à mão, a cordel, manuscritas nas duas laudas.

O documento encontra-se em bom estado de conservação, com excepção da primeira folha que está solta, e com uma nódoa de humidade, mas que não inviabiliza a leitura.

Também a última folha padece de alguma degradação, com um buraco na parte central inferior, que abrange a escrita das ‘Disposições Transitórias’ (artigo 61º) e, no verso, abrange as assinaturas.

Este documento está intitulado ‘Regulamento’, compõe-se de oito capítulos, com 62 artigos, cada um dividido em parágrafos.

O artigo 1º reza assim:

“Por este Regulamento funda-se em Ferreira do Alentejo uma associação de propaganda, instrução e recreio denominada - “Centro Republicano 1º de Dezembro”- ...”.

<sup>8</sup> Miguel Bombarda, era médico psiquiatra, um dos principais implicados na revolução do 5 de Outubro, tido como o seu chefe civil, e que, por infeliz acaso, na véspera da revolução, foi morto no serviço, por um seu paciente violento, no hospital, então chamado de Rilhafoles, e que hoje tem o seu nome.

<sup>9</sup> Cândido dos Reis, militar de marinha, um dos principais chefes castrenses da revolução, que, em 5 de Outubro, a certa altura, julgando, erradamente, que a revolução fracassara, se suicidou.

<sup>10</sup> Brito Camacho, de Aljustrel, foi uma das principais figuras da República, a nível nacional e, naturalmente, na região. Aqui, também têm destaque, entre outros, Aresta Branco, em Beja, e Jacinto Nunes, de Grândola, este que foi sogro de Brito Camacho.

<sup>11</sup> Machado dos Santos, militar de marinha, foi o grande herói da rotunda, ao cimo da Avenida da Liberdade, em Lisboa, no triunfo militar do 5 de Outubro (visto, à época, talvez, como um equivalente a Salgueiro Maia, no 25 de Abril de 1974).

<sup>12</sup> Na mesma altura também foi sugerido dar o nome de outra rua da Vila ao Ministro do Reino (equivalente actual a Ministro da Administração Interna), João Franco, o que aconteceu. Mas essa rua, por peripécias interessantes posteriores, e que poderemos contar noutra ocasião, quando adveio a República, já se chamava, Rua da Liberdade.

<sup>13</sup> O Partido Republicano Português (PRP), fundado em 1876, aglutinava todos os republicanos até ao 5 de Outubro. Após a implantação da República vai decompor-se segundo várias linhas políticas, correspondendo as mais importantes, ao Partido Democrático, liderado por Afonso Costa; ao Partido Unionista, liderado por Brito Camacho; ao Partido Evolucionista, liderado por António José de Almeida.



Como se vê, a invocação do 1º de Dezembro, estava perfeitamente em linha com a idiosincrasia republicana, e o artigo segue, desenvolvendo, em sete números, os fins da associação, os quais se prendiam com a promoção da união entre os republicanos; com o incremento do civismo, do patriotismo e do humanitarismo; com a difusão da instrução entre os seus associados e filhos; com a organização de conferências científicas ou literárias e de eventos recreativos. Além dos capítulos atinentes à organização e funcionamento, inclui capítulos próprios para a 'Biblioteca' e para a 'Função Escolar', incluindo as regras de contratação de professores, e do 'Cofre Escolar'.

No final o documento tem escrita data de **5 de Março de 1911**, a que se seguem três assinaturas.

Apesar de danificado neste sítio, aproveitando as partes visíveis e comparando com a lista de nomes constantes da acta da tomada de posse da Câmara Republicana (cinco meses antes), pode concluir-se que as assinaturas são as dos membros da Mesa da Assembleia Geral, e que são eles: José Tomaz Cordeiro, José Agostinho Marques Guerra, José Augusto Soares de Sousa.<sup>14</sup>

O Centro Republicano teve a sua Sede no número 19 da actual Rua Visconde de Ferreira do Alentejo, e finou-se tendo como seu último frequentador resistente, Francisco Tristão.<sup>15</sup>

Naquele tempo o associativismo conhecia grande dinamismo e os republicanos aproveitaram bem isso.

Onde também havia republicanos activistas era em Aldeia de Ruins, onde foi fundada, em 24 de Fevereiro de 1922, a '**Sociedade Recreativa de Aldeia de Ruins**', cujos estatutos evocavam o patronato da República e determinavam como dias especiais da colectividade, os das revoluções republicanas - o 31 de Janeiro e o 5 de Outubro. Os fundadores assinalados foram, Manuel Godinho, Manuel Pimenta Marques, Manuel Morais, João Panelas, José Filipe e Filipe Roques.<sup>16</sup>

### 3 – Figuras da República.

#### No tempo da I República a figura política, de Ferreira do Alentejo, mais relevante, com actividade política local, talvez tenha sido, José Joaquim Gomes de Vilhena.<sup>17</sup>

José de Vilhena, estava, como já dissemos, ligado ao Partido Democrático, o principal partido político republicano, chefiado por uma das maiores personalidades da República, Afonso Costa.



▲ José Joaquim Gomes de Vilhena (filho), Comendador, que viria a ser uma importante figura republicana.

José de Vilhena, foi Governador Civil do Distrito de Beja, pela República, por três vezes:

- De **06.12.1913** a **25.03.1914** - Governo de, Afonso Costa; Partido Democrático;
- De **27.12.1914** a **05.02.1915** - Governo de, Vítor Hugo Azevedo Coutinho; Partido Democrático;
- De **03.07.1915** a **12.07.1917** – Governos de, João Chagas, e, de, José de Castro, em período de instabilidade revolucionária; seguido de Governo de, Afonso Costa; e seguido de Governo de, António José de Almeida, dito da União Sagrada - a coligação do seu Partido Evolucionista, com o Partido Democrático, de Afonso Costa, por causa da entrada de Portugal na I Guerra Mundial.

José de Vilhena, foi depois Deputado, pelo Partido Democrático, em grande parte do tempo da República, seguramente de 1921 até à queda do regime em 1926. Outras personalidades com importante participação na política republicana, que podemos apontar, foram, por exemplo, dois dos filhos de, Júlio de Vilhena.

Desde logo, **Ernesto Jardim de Vilhena**, que foi, em 1917, num Governo de Afonso Costa, Ministro das Colónias, e chegou ainda a deter a pasta dos Negócios Estrangeiros, interinamente, no último mês do Governo, em Novembro/Dezembro desse ano.<sup>18</sup> Deve relevar-se a importância dos ministérios de que, Ernesto Vilhena, foi responsável no Governo, dado que, nessa altura, estávamos em plena Iª Grande Guerra, com tropas em combate em África e em França. Esse Governo é derrubado pelo golpe de Sidónio Pais. Ernesto, certamente, era um antigo monárquico que aderiu depois à República, já que, na Monarquia, tinha chegado a ser Deputado do Partido Regenerador, o Partido do seu pai.

Com a República, em 1911, é Governador de Lourenço Marques, em Moçambique. E, em 1915, aparece a encabeçar a lista de candidatos a Deputados do Partido Democrático, pelo círculo de Aljustrel. Na altura, o Distrito de Beja estava organizado em dois círculos eleitorais – um com sede em Beja (abrangendo seis

Concelhos), e outro com sede em Aljustrel (abrangendo oito Concelhos, entre os quais Ferreira).

Como sabemos, em Aljustrel avultava a grande figura de, Brito Camacho. E talvez isso não fosse estranho à existência desse círculo eleitoral baseado em Aljustrel.

Ora, **nessas eleições, de 13 de Junho de 1915, no círculo eleitoral de Aljustrel, uma das listas era, naturalmente, encabeçada pelo aljustrelense, Brito Camacho, que concorria pelo seu Partido Unionista.**

**A lista do Partido Democrático foi encabeçada pelo ferreirense, Ernesto de Vilhena.**

**O resultado foi favorável ao ferreirense já que a lista do Partido Democrático alcançou uma folgada vitória, e, Brito Camacho, como que se viu derrotado em casa, ainda que, em virtude do sistema proporcional, tenha ficado entre o número dos Deputados eleitos!**

Temos ainda, **Henrique Jardim de Vilhena**, irmão do antecedente, que foi Presidente



▲ Um ferreirense, ministro no III Governo republicano de Afonso Costa, em 1917. Da esquerda para a direita: Arantes Pedrosa (Marinha), Lima Bastos (Trabalho), **Ernesto Vilhena (Colónias)**, Almeida Ribeiro (Interior), Afonso Costa (Presidência e Finanças), Alexandre Braga (Justiça), Norton de Matos (Guerra), Augusto Soares (Estrangeiros), Herculano Galhardo (Fomento) e Barbosa de Magalhães (Instrução).

<sup>14</sup> Nesta data faço entrega deste documento aos serviços históricos do Museu de Ferreira.

<sup>15</sup> Nessa mesma casa-sede, sucedeu ao Centro Republicano, a **Sociedade Filarmónica Ferreirense**, apelidada de "A Falida" (rival da, ainda hoje existente, Sociedade Filarmónica Recreativa). Depois da extinção da Sociedade Filarmónica Ferreirense, foi ali iniciada e instalada a **Associação dos Bombeiros Voluntários**. Teve acção preponderante, quer na "Falida", quer na fundação dos Bombeiros, Luis António Ameixa, já falecido, no espólio do qual se encontrava o documento a que nos vimos de referir.

<sup>16</sup> Referencia mais completa in: "Jornal de Ferreira", nº 8, de 25 de Janeiro de 1996.

<sup>17</sup> A personalidade republicana a que nos referimos é, **José Joaquim Gomes de Vilhena**, comendador, nascido a 15 de Abril de 1876 e falecido a 31 de Agosto de 1931, apenas com 55 anos de idade. É confundível com o seu pai, por terem nomes exactamente iguais. Este, igualmente, José Joaquim Gomes de Vilhena, obviamente um monárquico, a quem o Rei D. Luís, por Decreto de 12 de Março de 1885, concedeu o título de 'Visconde de Ferreira do Alentejo', e que morreu em 27 de Dezembro de 1925, com 81 anos. Em documentos contemporâneos de ambos é por vezes difícil distinguir de qual se trata, se do pai se do filho. (O Visconde, além do José Joaquim, teve mais três filhos: João, Mónica, e, Filipe).

<sup>18</sup> **NOTA-ERRATA:** Por qualquer fonte errada, no prefácio ao I Volume da obra "**Ferreira do Alentejo: Documentos para a sua História – leitura paleográfica**" (referenciada, infra, na nota final I), referi que, **Ernesto de Vilhena**, fora membro do Governo do "Estado Novo" no século XX. Ora, na investigação actual, conclui-se que foi membro do Governo, no século XX, sim, mas na Primeira República. No período do Estado Novo viria, outrossim, a ser designado para Procurador à Câmara Corporativa, em 1938, mas não aceitou e recusou tomar posse. Destacou-se como Presidente da Companhia dos Diamantes de Angola. Fica, aqui, a rectificação.

da Câmara Municipal de Lisboa, em 1915. Membro do Senado da República, a câmara alta do Parlamento, bicameral, designado Congresso da República. Médico notável do seu tempo, professor de medicina, foi inclusivamente Reitor da Universidade de Coimbra. Outra personalidade republicana, de Ferreira, que merece uma referência, é, **Manuel Jesus Campos**. Isto porque, em 17 de Julho de 1912, funda o jornal **“O Clarão”**, semanário de Ferreira do Alentejo, assumidamente republicano.

Manuel Campos, refere Ferreira como uma terra florescente e uma das primeiras vilas de Portugal.

Talvez por isso se tenha abalançado à aventura jornalística e, dentro do espírito educativo e idealista da República, **fazia sempre encimar o título do jornal com a seguinte frase do escritor francês, Victor Hugo: “Instruir é Construir”**.<sup>19</sup>

#### 4. Depois da República.

A República foi deposta pela revolução militar do 28 de Maio de 1926, comandada por Gomes da Costa.

Dela veio a surgir o regime chamado do “Estado Novo”, cujo principal dirigente foi, António de Oliveira Salazar, regime que subsistiu, em ditadura, até 25 de Abril de 1974. Ora, durante esses longos 48 anos (1926 – 1974), apesar da repressão que era exercida, o espírito da República manteve-se aceso e serviu como elemento de agregação dos democratas que se opunham ao salazarismo.

Por exemplo, as romagens à estátua de, António José de Almeida, em Lisboa, em cada 5 de Outubro, ou os Congressos Republicanos de Aveiro, foram momentos de afirmação dos republicanos, entre outros.

Ora, também em Ferreira do Alentejo, o republicanismo terá subsistido no espírito de algumas pessoas.

É claro que era perigoso assumirem opções políticas divergentes do regime do ‘Estado Novo’, pois isso tinha custos de vária ordem.

Contudo, sempre foram dados como republicanos, em Ferreira, pessoas que só com o regresso da liberdade e da democracia, a partir de Abril de 1974, se ainda vivos, puderam exteriorizar as suas ideias.



◀ ‘O Clarão’ - Um jornal republicano publicado em Ferreira do Alentejo, em 1912.

Do que conseguimos apurar eram dados como republicanos:

José da Rocha Moreira, Ferreiro; Agostinho José Agostinho, carpinteiro; António José Honrado, e, Inácio Honrado, donos da Pensão Honrado, situada na Rua Brito Camacho, nº 62-64; Mário Machado, fotógrafo; António Agostinho, sapateiro; Francisco Tristão sapateiro; Inácio Alfredo Fernandes, solicitador; Eugénio Francisco do Rosário, latoaria; José Vicente Jordão, agricultor; João Francisco Jordão, comerciante; Francisco Inácio Salgado, comerciante; António Francisco do Rosário, latoaria; Luís António Ameixa, comerciante; José Francisco Justo, empresário; Manuel António Afonso Raposo, carpintaria; Inácio Fialho Maceta, empresário.

E, certamente, outros.

Terão saído daquele grupo, **alguns que, ainda com espírito anticlerical, contestaram a visita, a Ferreira, do Bispo de Beja, gritando ‘Viva a República’ e atirando pedras, batatas e laranjas podres. O Bispo, mal saiu do carro, à porta da Igreja Matriz, assim voltou a entrar nele, e, ala, para Beja. E eles: Viva A República! Viva a República!**

Por exemplo, sei que, quando, após o novo advento da Democracia, no ano de 1974, foi aberta (significativamente na data de 5 de Outubro!) uma Sede do Partido Socialista, em Ferreira do Alentejo, apareceu, Inácio Alfredo Fernandes,<sup>20</sup> a oferecer um grande retrato de parede com a figura de, Afonso Costa, certamente uma relíquia que esteve escondida, na sua posse, por largos anos.

Retirada da obra desse estadista, “A Igreja e a Questão Social”, de 1895, na parte de baixo do retrato, constava inscrita a seguinte frase:

**“O socialismo integral, o socialismo do futuro, não se apoia apenas na necessidade económica de destruir o capitalismo: vai mais longe e mais alto: torna-se mais compreensível e mais elevado: firma-se também sobre a justiça social. Por isso, nada admira que os socialistas possam colocar ao serviço do Estado de amanhã, todas as aquisições científicas e aspirações humanas formuladas até hoje”**. ■

## Notas finais

**I:** Para a elaboração de parte deste texto constituiu um precioso auxiliar a obra “Ferreira do Alentejo: Documentos para a sua História – leitura paleográfica”, trabalhos preparatórios para uma monografia de Ferreira do Alentejo, em quatro volumes, da autoria de Júlio de Vilhena, e editado pelo Município de Ferreira do Alentejo, em 2004 (volumes I e II) e em 2008 (volumes III e IV) , sob a coordenação de, Maria João Pina. Sobre esta obra ver ainda, supra, a Nota 18.

**II:** Para a elaboração deste trabalho, e para além dos citados supra noutros lugares, foram também importantes: a pesquisa no arquivo histórico parlamentar da Assembleia da República, e no arquivo histórico da Câmara Municipal de Lisboa.

E, igualmente, em: Iconografia da República. Beatriz, Ana Paula Torres; Geneall, genealogias; ISCTE.UITL – Centro de Estudos do Pensamento Político. Também escritos, como: “A Monarquia Constitucional (1807-1910)”, Maria

de Fátima Bonifácio, Texto Editores, 2010; “Cartas d’El Rei D. Carlos I a João Franco Castello Branco, seu último Presidente do Conselho”, João Franco Castello Branco, Bertrand, 2006; “O 5 de Outubro”, Jacinto Baptista, Círculo de Leitores, 1983; “Júlio de Vilhena: Notas Biográficas”, Maria João Pina, edição da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo, vol. I, 1998; “Os Maias – episódios da vida romântica”, Eça de Queiroz, Livros do Brasil, Lisboa, s/d; “Portugal”, Miguel Torga, 6ª edição, Coimbra, 1993; jornal “Diário do Alentejo”, suplementos publicados a partir da edição nº 1457, da autoria e coordenação de, Constantino Piçarra.

**III:** Para a finalização desta investigação contámos ainda com preciosas consultas à memória e ao saber pessoal de: Diogo Afonso Cristina Patrício; José Francisco Ameixa; Maria João Augusto Pina. Agradece-se ainda a colaboração de, Maria Júlia Gomes Gonçalves, funcionária do município. ■

<sup>19</sup> Sobre **“O Clarão”** pode ver-se mais informação no “Jornal de Ferreira”, nº 11, de 13 de Setembro de 1996.

<sup>20</sup> Na Sociedade Filarmónica e Recreativa, está exposta uma fotografia sua, como sócio honorário nº 1 desta instituição, fundada em 8 de Maio de 1925, portanto, ainda durante a I República.



# MELHOR CRIADOR NACIONAL EM FERREIRA

texto e fotos\_ Marco Maurício

COUDELARIA DE SANTA MARGARIDA DO SADO É A MAIS CONCEITUADA DO PAÍS NA CRIAÇÃO DE PURO SANGUE LUSITANO, TENDO ARRECADADO JÁ ALGUNS DOS PRINCIPAIS PRÉMIOS DO MEIO.

**E** se lhe disséssemos que, no concelho de Ferreira do Alentejo, existe uma das melhores, senão mesmo a melhor coudelaria do País dedicada ao cavalo Puro Sangue Lusitano. Isso mesmo. Desde 1983, que, no Monte da Sernadinha, a Coudelaria de Santa Margarida do Sado recebe alguns dos principais prémios nacionais e internacionais pelos seus animais, todos os anos. **“Somos uma referência mundial entre criadores e amantes desta raça. Só este ano, já fomos premiados 39 vezes, algo que muitas coudelarias não atingem durante toda a sua vida”**, revela Luís Pidwell, proprietário, juntamente com a sua esposa Piedade Pidwell.

Tudo começou quando Luís Pidwell cedeu a uma antiga paixão equestre da esposa e lhe ofereceu o primeiro cavalo. A esse, seguiu-se outro e outro. A vontade de se tornarem criadores fê-los trocaram Sines, onde viviam, por Santa Margarida do Sado, e a construírem uma coudelaria de luxo dedicada ao Puro Sangue Lusitano.

Hoje, entre as cerca das 400 coudelarias nacionais existentes, dedicadas a esta raça, o ferro de Santa Margarida do Sado é internacionalmente procurado pela qualidade incomparável dos seus produtos. **“Por todo o mundo, há muita gente a virar-se para os Puro Sangue Lusitano. São cavalos muito belos, de bom temperamento, e fáceis de ensinar. Inglaterra, Holanda, Alemanha e França são alguns dos países que mais importam estes cavalos, na Europa. Mas também já vendi para Ásia e África, por exemplo”**, conta o criador.

O efectivo desta coudelaria regista mais de 80 cabeças, em média. No entanto, neste projecto, além de Luís e Piedade, que jogam as próprias mãos à obra todos os dias, trabalham apenas mais cinco pessoas em todo o maneio da casa. **“Não há férias, nem muito descanso. É uma actividade apaixonante, envolvente, mas também muito absorvente”**, revela Piedade Pidwell. Algo que não impede a Coudelaria de Santa Margarida do Sado

**“Somos uma referência mundial entre criadores e amantes desta raça. Só este ano, em concursos, já fomos premiados 39 vezes, algo que muitas coudelarias não atingem durante toda a sua vida”**

Luís Pidwell,  
proprietário da coudelaria  
de Santa Margarida do Sado

Sado de estar na linha da frente em áreas como a venda de reprodutores de alto nível e a competição internacional em Modelo e Andamentos ou Dressage (também conhecido por ensino, uma prova onde os cavalos têm de executar exercícios, sendo pontuados pela sua técnica, rigor e beleza nos movimentos).

**“Criamos, treinamos e vendemos animais em todas as idades. Mas aqui, somos muito exigentes em relação à qualidade, seja num animal direccionado para o desporto ou para a reprodução”**, garante o criador. Um critério que representa custos de exploração muito elevados, mas necessário para tornar os produtos valiosos junto do comprador. **“Vendemos cavalos de alto nível, então, desde a alimentação, aos tratamentos diários e de fertilização, passando pelo treino simples ou desportivo e pelo marketing dos produtos da coudelaria - com acompanhamento de veterinários e técnicos especializados - tudo é feito para elevar as características dos animais”**, assegura o proprietário.

Uma dedicação crucial, uma vez que a qualidade destes animais é comprovada e até pontuada pela Associação Portuguesa de Criadores do Cavalo Lusitano. Através de uma lei promulgada pela Fundação Alter Real (antigo Serviço Nacional Coudélico) todas as acções dos



▲ Luís e Piedade Pidwell com o cavalo Campeador (filho de Spartacus, um campeão nato e internacionalmente famoso).

criadores são fiscalizadas. Só os melhores espécimes são inscritos tanto no livro de nascimentos como no livro de reprodutores. **“No primeiro, só são inscritos cavalos lusitanos filhos de pais já inscritos - facto comprovado através de análises genéticas -, e no segundo, só os animais, macho ou fêmea, com morfologia perfeita, em conformidade com as características da raça, são autorizados a reproduzir”**, esclarece. Sem estas duas inscrições, o valor dos cavalos é irrisório, e por isso, em Santa Margarida do Sado, não se poupam esforços para criar os melhores exemplares. **“Antigamente, ainda se vendiam cavalos para abate. Agora, a carne não é muito apreciada, e se o animal não for bom no desporto ou na reprodução não vale dinheiro nenhum”**, afirma Luís Pidwell.

Além destas regras, a política de excelência da Coudelaria, obriga ainda a uma selecção criteriosa dos seus ganhões. Em cerca de 400 cavalos nascidos nesta Coudelaria, menos de uma dezena foi utilizada na reprodução, para manter o nível que tem distinguido o seu ferro.

E foi, precisamente, deste processo que nasceu um dos cavalos mais famosos, a nível mundial, desta raça: Spartacus, de 11 anos. **“É um ganhão muito requisitado e um campeão desde a primeira vez que competiu. Já ouvimos várias vezes o Hino Nacional por causa do nosso cavalo, e isso toca-nos muito”**, desabafa Piedade Pidwell. Spartacus compete actualmente em Grande Prémio, o topo da pirâmide neste tipo de prova. Neste sentido, os criadores afirmam mesmo que, no estrangeiro, tanto no panorama cultural como no desportivo, os Puro Sangue Lusitano são um dos grandes pontos de interesse em relação ao nosso País. **“No entanto, em Portugal, não existe muito reconhecimento dos nossos feitos em competições, sejam elas nacionais ou internacionais. Estamos num País onde o futebol atrai toda a atenção”**, lamenta Luís Pidwell. Registe-se que, este ano, no XXII Festival Internacional do Cavalo Lusitano (o mais importante organizado em Portugal), realizado em Cascais, entre 3 e 5 de Junho, a Coudelaria de Santa Margarida do Sado obteve 11 medalhas de ouro, e arrecadou o título de Melhor Criador. ■





# VALE DA ROSA É REFERÊNCIA INTERNACIONAL

texto e fotos\_ Marco Mauricio

ANTÓNIO S. FERREIRA VÊ REGIÃO COMO INIGUALÁVEL NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS, PODENDO VIR A SER CRUCIAL NUM FUTURO CONTEXTO AGRÍCOLA EUROPEU.

**"T**enho o privilégio de trabalhar na melhor região que conheço para produzir fruta e não só.

As condições do Alentejo são inigualáveis para exaltar as qualidades dos alimentos. Por isso, não entendo como, em Portugal, podemos importar cerca de 75% do que comemos, enquanto deixamos as nossas terras ao abandono".

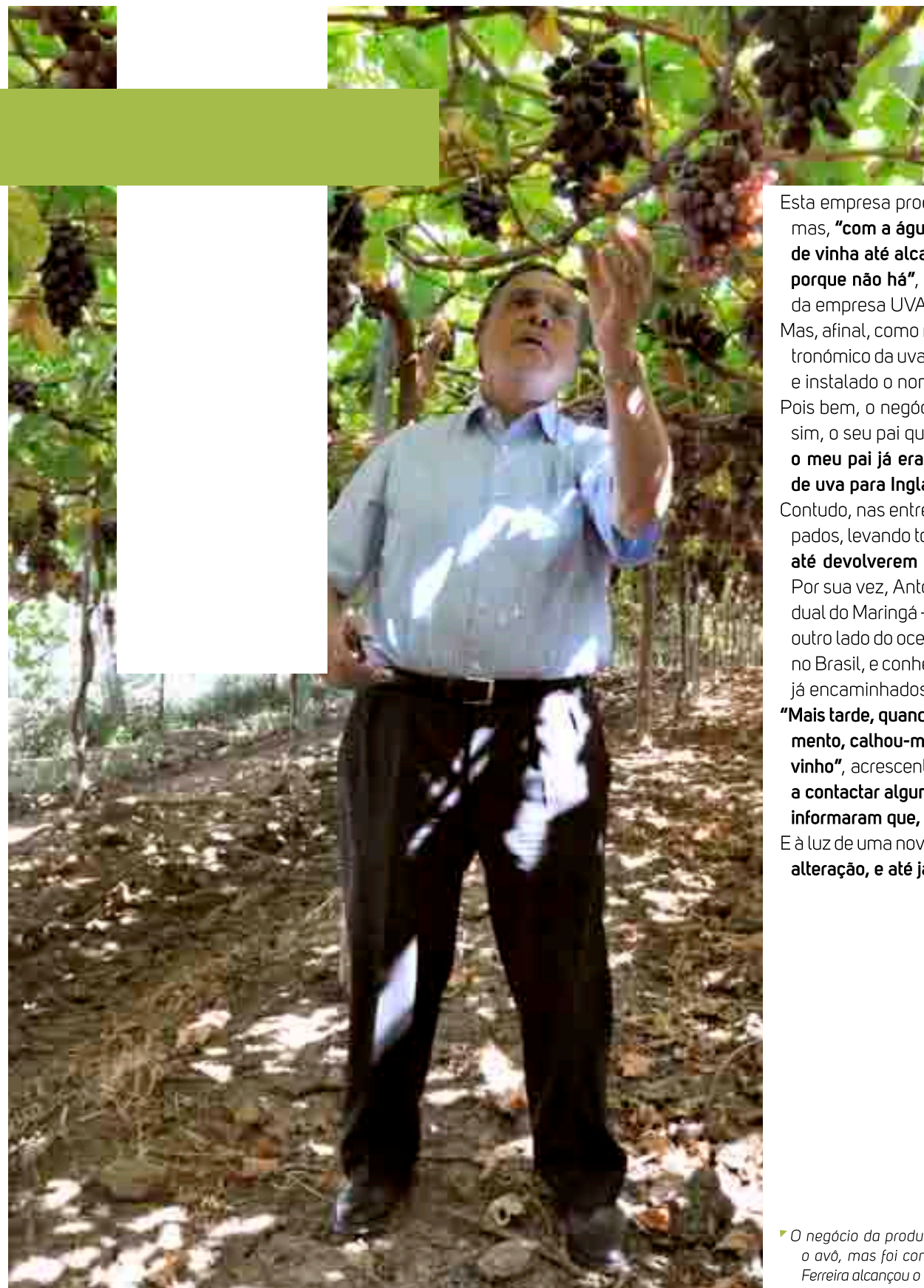
A convicção é de António Silvestre Ferreira, rosto e coração da Herdade Vale da Rosa, que, entre 170 hectares de paixão e sonho, já se assumiu como maior produtor nacional de uva de mesa, tendo-se tornado mesmo numa referência fora do País, através das, internacionalmente requisitadas, uvas sem grainha.

Contra a corrente económica mundial, no eco de pequenos produtores agrícolas empurrados para a miséria todos os anos, defende novas visões e políticas para esta classe. **"É uma incoerência vivermos numa terra com as condições do Alentejo, termos homens – que designo mesmo como he-**

róis – calejados no sofrimento do campo, cheios de conhecimento e vontade de trabalhar, e ninguém os apoiar na sua actividade", lamenta.

Ou seja, **"há que mudar o pensamento de incapacidade e pessimismo generalizado em Portugal. E perceber que a agricultura representa o futuro do mundo, uma vez que, daqui a 40 anos, teremos mais 50% de bocas para alimentar"**, alerta o empresário.

Longe do fantasma da crise, nas palavras deste empresário, salta o orgulho conquistado na terra. Pesam o esforço e a dedicação de uma actividade de excelência, cuidada ao pormenor. Em alturas de colheita, a Herdade Vale da Rosa dá emprego a cerca de 500 pessoas, número que reduz para 300, noutras fases da produção. Emprega trabalhadores de várias partes do distrito, e ainda recruta colaboradores em países tão distintos como Espanha, Roménia, Ucrânia ou Tailândia, por exemplo.



Esta empresa produz, actualmente, cerca de quatro mil toneladas de uva, por ano, mas, **"com a água que está a chegar do Alqueva, prevê-se que se aumente a área de vinha até alcançar as seis mil toneladas. Neste momento, não se exporta mais porque não há"**, adianta. Paralelamente, António Silvestre está também na frente da empresa UVAL, em Canhestros, juntamente com um sócio italiano.

Mas, afinal, como nasce um 'império'? De onde surge, por exemplo, este milagre gastronómico da uva sem grainha, que tem invadido as principais superfícies comerciais, e instalado o nome de Ferreira do Alentejo nas casas do mundo?

Pois bem, o negócio começou há muito com o seu avô, em Torres Vedras. Mas foi, sim, o seu pai que abraçou o Alentejo e traçou o sucesso na sua frente. **"Em 1972, o meu pai já era muito inovador, e começámos a fazer as primeiras exportações de uva para Inglaterra e outros países"**, conta.

Contudo, nas entrelinhas da Revolução de Abril (1974), os seus terrenos seriam ocupados, levando toda a família a mudar-se para o Brasil. **"Mudámo-nos para Maringá, até devolverem parte dessas terras ao meu pai, altura em que voltou"**, explica. Por sua vez, António Silvestre, que dava aulas de Zootecnia na Universidade Estadual do Maringá – sim, António Silvestre também é Veterinário –, passou 22 anos do outro lado do oceano, onde deu continuidade aos negócios, entretanto estabelecidos no Brasil, e conheceu a sua actual esposa, com quem tem quatro filhos – dois deles, já encaminhados na área da Agronomia.

**"Mais tarde, quando o meu pai adoeceu, em 1999, voltei a Portugal. Com o seu falecimento, calhou-me a mim este negócio – nas partilhas – e aos meus sobrinhos o do vinho"**, acrescenta. Em 2000, chegava então a hora de relançar ambições. **"Voltei a contactar alguns empresários ingleses, mas fiquei muito surpreendido quando me informaram que, naquele país, já não importavam uvas com grainha"**, lembra.

E à luz de uma nova oportunidade, estendiam-se novos rumos. **"O meu pai sabia dessa alteração, e até já tinha um pequeno campo experimental com uvas sem grainha."**

**"Temos de tratar as uvas com muito respeito, estamos a vender um produto de alta qualidade."**

António Silvestre Ferreira,  
proprietário da 'Herdade Vale da Rosa'

► O negócio da produção de uvas começou com o avô, mas foi com o seu pai que António S. Ferreira alcançou o conhecimento internacional.





Foi a partir daí, que comecei, também eu, a procurar as melhores variedades dessas uvas, e a fazer os primeiros testes”, explica.

Essas experiências culminariam com um contrato com a empresa americana Sun World, uma das maiores e mais inovadoras companhias agrícolas do mundo, conceituada através das melhores variedades de uvas sem grainha. “Foram precisos alguns anos de testes com eles, e em 2007, chegámos a acordo para produzirmos esse óptimo produto, que é um dos mais apreciados em todo o mundo”, garante.

Um processo dispendioso, dependente de altas tecnologias e cuidados especializados nas várias fases do processo de produção. Uma aposta arriscada que, não permitindo erros, e sendo a Herdade Vale da Rosa pioneira, obriga a buscar conhecimento lá fora. “A uva sem grainha é, sem dúvida, a tendência da Europa (no norte da Europa já é muito difícil vender uvas com grainha, por

exemplo). E para sermos os melhores – não há outra forma de trabalhar, a não ser para sermos sempre os melhores – , precisamos ter os melhores técnicos ao nosso dispor. Assim, contamos com um consultor israelita, especialista em uvas sem grainha. Além de um sistema de vinha italiano, que, através de uns plásticos nos aumenta o período de produção – antecipando uma parte do tempo através de estufas, e prolongando outra ao proteger das chuvas”, esclarece.

Nada é deixado ao acaso. “Temos de tratar as uvas com muito respeito, estamos a vender um produto de alta qualidade. Só para se ter uma noção, um dos principais hipermercados nacionais já pede explicitamente que a fruta vá em sacos identificados com a marca Vale da Rosa, por nos considerarem uma referência junto do consumidor”, congratula-se António Silvestre.

Então, de mangas arregaçadas, o empresário faz-se agricultor activo, e percorre

António Silvestre Ferreira é o maior produtor nacional de uva de mesa e uma referência a nível internacional na produção de uvas sem grainha.

*“Só com empenho o Alentejo pode vir a ser crucial no contexto agrícola europeu.”*

António Silvestre Ferreira,  
proprietário da ‘Herdade Vale da Rosa’

E neste momento, o calor da pátria incendeia o peito. Toca mais fundo ainda, ao passar no corredor onde estão emoldurados todos os certificados de qualidade internacionais, todos os reconhecimentos do seu trabalho. Mas há um quadro especial, gravado a 10 de Junho de 2010, em Faro. Diz ‘Comendador António Silvestre Ferreira - Ordem de Mérito Agrícola, Comercial e Industrial’. “Foi muito bonito e emocionante receber essa comenda do Presidente da República. Lembrei-me do meu pai, por estar a receber uma mesma condecoração que ele tinha recebido. Depois, quando o Dr. Anibal Cavaco Silva se aproximou de mim, disse-me, numa frase curta, que tínhamos de fazer algo pela agricultura do nosso País. É o que tento fazer todos os dias”, conclui. ■

*“Os agricultores merecem mais respeito, e não devem deixar que denigram a sua imagem, uma vez que são eles que colocam alimento na mesa da nação.”*

António Silvestre Ferreira,  
proprietário da ‘Herdade Vale da Rosa’

a Herdade, dando assistência aos vários trabalhadores na vinha. Nada pode falhar. “É este empenho que pode tornar o Alentejo crucial no contexto agrícola europeu”, acredita.

Na sombra da vinha, mãe das Red Globe, Princess, Midnight Beauty ou Vitória, fala de uma actividade muito bonita, mas também muito absorvente e exigente. “Tudo dá muito trabalho, quando queremos fazer bem feito. Isto exige mesmo muito de nós. Por isso, não posso aceitar certas situações, como já aconteceram, em que, ao entrar num táxi, em Lisboa, só pelo meu sotaque, me perguntam se sou daqueles alentejanos que recebe subsídios do Estado, compra jipes, e vai para a praia”, exalta. “Os agricultores merecem mais respeito que isto, e não devem deixar que denigram a sua imagem, uma vez que são eles que colocam alimento na mesa da nação”, acrescenta.



Em Junho de 2010, António S. Ferreira recebeu a comenda da Ordem de Mérito Agrícola, Comercial e Industrial do Presidente da República Dr. Anibal Cavaco Silva.



# ESPÍRITO INDOMÁVEL

texto e fotos\_ Marco Maurício

ESCOLA DE TAEKWONDO DE CANHESTROS GANHA CADA VEZ MAIS ADEPTOS NO CONCELHO DE FERREIRA DO ALENTEJO.

**C**ortesia, integridade, perseverança, auto-domínio e espírito indomável. São estes os cinco princípios fundamentais do Taekwondo, insistentemente inculcados aos mais de 40 alunos que aprendem, actualmente, esta arte marcial no concelho.

**"Não estamos a falar de uma arte marcial qualquer. Esta exige estratégia, e estratégia exige inteligência. Logo, aqui, formamos jovens e pessoas que saibam pensar e reagir rápido em diferentes situações. Damos confiança e segurança para encarar o mundo com outros olhos".** A certeza é de Sérgio Aniceto, 33 anos, impulsionador e instrutor da Escola de Taekwondo de Canhestros, que, desde há três anos, desenvolve também a modalidade em Ferreira do Alentejo.

Segundo o atleta, numa base de respeito e disciplina, golpes de pernas, de braços, combinações variadas e técnicas de auto-defesa criam um condicionamento físico e mental decisivo na construção do carácter dos seus praticantes. Razão pela qual cada vez mais encarregados de educação optam por colocar os seus filhos em actividades como esta, desde muito cedo. **"Recebemos crianças a partir dos quatro anos, e é claro que os treinos têm de ser levados através de jogos. Mas, mesmo assim, é possível estimular a sua atenção, percepção, raciocínio e comportamento em diferentes desafios"**, afirma Sérgio.

Simulações e objectivos simples, lançados na brincadeira e encarados pelas crianças entre correrias e gargalhadas sem peso, mas que já se reflectem fora do Do Jang (local de treino).

**"Os pais estão contentes. Dizem que os miúdos andam muito mais calmos, que as suas atitudes são mais ponderadas, e isso nota-se mesmo na convivência com os colegas. Aliás, até para desmistificar a ideia de que as artes marciais são para pessoas brutas, saiba-se que muitos dos meus alunos são dos melhores das suas turmas"**, garante.

Por outro lado, quanto à parte física, a dedicação e o sacrifício nos treinos são indispensáveis, quando falamos de uma arte marcial onde a velocidade, agilidade e flexibilidade são uma

tónica desenvolvida ao máximo. Perante ataques físicos, em competição ou na imprevisibilidade das ruas, há poucas artes marciais que agucem tanto os reflexos e a precisão das respostas como o Taekwondo. **"Não ensinamos ninguém a bater sem sentido, pelo contrário, aconselhamos todos a afastarem-se de situações perigosas. Mas, da forma como está o mundo, uma pessoa bem preparada em termos de auto-defesa enfrenta melhor os seus medos, e melhora a auto-confiança e amor-próprio perante os outros"**, esclarece o instrutor.

Depois, tal como muitas outras artes marciais, o taekwondo abarca ainda uma enorme componente espiritual. No final de cada treino, são reservados alguns minutos à meditação, onde se procura o equilíbrio silencioso entre o corpo e a mente. Uma harmonia possível, como prova o caso de André Furtado, que, farto da ditadura do futebol, precisava de outra actividade, e encontrou

**"Não ensinamos ninguém a bater sem sentido, pelo contrário, aconselhamos todos a afastarem-se de situações perigosas."**

Sérgio Aniceto,  
atleta e instrutor de Taekwondo

Há três anos em Ferreira do Alentejo, Sérgio Aniceto ensina taekwondo aos seus alunos numa base de respeito e disciplina.



neste desporto um escape para o dia a dia. **"Era uma pessoa nervosa, até meio intempestiva, por vezes. Aqui, encontro tranquilidade. Consigo descarregar energias, e alcançar um bem-estar que não consigo noutros desportos"**, admite o jovem, de 29 anos.

Na área da competição, estes atletas começam também já a mostrar os seus dotes, tendo alguns sido mesmo galardoados nos últimos anos. Algo que se pode tornar ainda mais notório e promissor, uma vez que foi confirmado que, em breve, a Associação Distrital de Taekwondo de Beja terá sede em Ferreira do Alentejo. **"Não há escolas no distrito, então, avançamos nós com a candidatura. É uma evolução muito importante, vai expandir a modalidade, e dar-nos mais dinamismo, uma vez que vamos poder organizar torneios nacionais. Queremos envolver o desporto escolar, e até já estamos a pensar em actividades que associem o Taekwondo a iniciativas ambientais"**, adianta Sérgio. ■



# EXERCÍCIO PARA IDOSOS

texto e fotos\_ Marco Mauricio

CONSEGUE CAMINHAR 3 KM SEM FICAR CANSADO?  
TEM DIFICULDADE NOS MOVIMENTOS E DOEM-LHE AS  
ARTICULAÇÕES? TEM TRABALHADO ESSA 'BARRIGUINHA'?

**A** pensar nos seniores do nosso conceito, o fisioterapeuta André Morais propõe uma série de exercícios físicos que lhe podem devolver a vitalidade de outros tempos. Neste espaço, o clínico sugere **8 práticas diárias para combater a vulnerabilidade cardiovascular, fragilidade muscular e esquelética, obesidade,**

**depressão e envelhecimento prematuro.** São exercícios simples, extremamente fáceis de executar e, a melhor parte, pode realizá-los no conforto da sua casa. À parte, pode ainda realizar caminhadas, suaves ou ritmadas. Vá lá, mexa-se, e recupere a força dos 20 anos. ■



▶ André Morais, fisioterapeuta.



## Plano de exercícios

### Círculos com os braços

Descreva, devagar, pequenos círculos com os braços. Primeiro, no sentido dos ponteiros do relógio e, depois, ao contrário. (5 vezes cada)

### Movimentos com a cabeça

Devagar, volte a cabeça para a esquerda; depois, para o centro; finalmente, para a direita. (5 vezes cada)

### Movimentos com o joelho

Dependendo da sua condição física, pode fazer este exercício deitado, sentado ou de pé. Levante um joelho em direcção ao peito; de seguida, faça o mesmo com a outra perna (5 vezes cada)

### Girar o tronco

De pé ou sentado, com as mãos na nuca, faça o tronco girar de um lado para o outro. (5 vezes)

### Movimentos laterais dos braços

Comece com os braços caídos, junto ao corpo, e depois, levante-os para os lados, até os erguer bem no alto. (5 vezes)

### Movimentos verticais dos braços

Com os braços caídos, junto ao corpo, levante-os para a frente, e depois, para cima. (5 vezes)

### Flexões laterais

Com ambas as mãos na nuca, incline, devagar e suavemente, o tronco para a esquerda. Regresse à posição inicial, e incline-se para o lado contrário. (5 vezes)

### Levar a mão ao joelho

De pé ou sentado, tente tocar com a mão direita abaixo do joelho esquerdo; depois, vá com a mão esquerda ao joelho direito. (5 vezes)

# 'IMAGENS D'ONTEM'

ARQUIVO MUNICIPAL

▼ Antigo e afamado Mercado Municipal, localizado onde hoje é o Centro Cultural Manuel da Fonseca.





▲ Primeira prova de atletismo, no âmbito das comemorações do 25 de Abril. João Sérgio da Silva (na foto) arrecadou o primeiro prémio.



# 100 ANOS DA REPÚBLICA

## Ferreira do Alentejo

Estávamos no ano de 1908 e em Ferreira do Alentejo as hostes monárquicas comandavam os destinos da vila. A câmara era presidida pelo comendador José Joaquim Gomes de Vilhena. A administração local tinha sido até então assegurada pelas famílias de maiores haveres.



Os monárquicos, encabeçados pelo comendador Joaquim Gomes de Vilhena, são destituídos pelo Governo de João Franco, e a 2 de Janeiro de 1908, José Sevinale é nomeado para assumir os destinos da Câmara de Ferreira.



Monárquicos e republicanos, já organizados numa comissão concelhia, apóiam-se mutuamente contra a ingerência do governo central. A 2 de Janeiro de 1908, é publicado um manifesto, assinado pelo comendador e demais vereadores destituídos. Júlio de Vilhena, ex-ministro da Monarquia Constitucional é escolhido como fiel depositário do estandarte da vila.

Mas pairava no ar um mau estar. Arreigados ao ideal republicano de igualdade social, voto livre e eleição democrática alfaiates, comerciantes, sapateiros, liderados pelo ferreirense Manuel José dos Santos sonhavam com a deposição da monarquia.



O ambiente é de instabilidade e guerrilha. Os vereadores destituídos socorrem-se de Aféres Fernando Gonçalves, comandante da Fação de Caçadores 4, para reganhar o poder.

No dia 7 de Outubro do ano de 1910, após a proclamação da república a 5 de Outubro em Lisboa, os cidadãos Manuel José dos Santos, Felício José do Monte, José Nunes Ferreira Lima D'Oliveira, Carlos José Moreira e Fernando José Sereiva, membros da Comissão Republicana do concelho de Ferreira, comparecem pelas seis horas da tarde, aos paços do Concelho a fim de tomarem definitivamente, a posse desta administração.



Uma das primeiras acções da câmara presidida pelo presidente Manuel José dos Santos foi a alteração do nome de várias ruas assumindo a rua dos frades o nome do grande republicano Miguel e a rua D. Luís, rua da República.







**FERREIRA**

